

ASSIGNATURAS
 ANNO... .. 20\$000
 SEMESTRE... .. 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escritorio e Officinas
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

*Diversões pela historia contemporanea. —
 O golpe de Estado. — Intervenção das
 classes armadas. — A lição da historia.*

Em um dos dias da semana passada, fez-se na Camara uma diversão pela historia contemporanea a proposito da intervenção do elemento militar no politica. Contestaram-se episodios interessantes da historia de hontem, e quando o sr. Serzedello Corrêa, com a auctoridade do seu testemunho pessoal de personagem saliente nos acontecimentos, fez, em vibrante discurso, rectificações interessantes, o sr. José Carlos de Carvalho, que é um archivador infatigavel, exclamou compulsando um volumoso «in-folio» de documentos: a historia está errada!...

Por um curioso phenomeno physiologico, a memoria fixa os factos distantes com mais nitidez do que os contemporaneos. Os casos dos nossos dias são apreciados á luz de um criterio incerto, dependente do influxo das paixões em effervescencia, dos interesses, das commoções, das impressões contundentes do delicado aparelho mne-monico. E' preciso que um largo espaço de calma se interponha produzindo, sob protectora camada de apparente olvido, a depuração donde resulta a verdade definitiva como revelação lucida e permanente no espirito dos individuos que trazem a contribuição particular do seu testemunho para o processo da historia, uma vez que as massas, o povo, não teem memoria, ou recebem e conservam a impressão dos factos com reflexo de visão deturpada.

A historia do «golpe de Estado» e dos acontecimentos que concretizaram a politica dos agitados dias decorrentes de 3 a 23 de novembro, tem sido contada por testemunhas dignas de fé com as mais accentuadas variantes; os episodios mais notaveis collidem nas mais extranhas contradicções, assim como são dissidentes em pontos essenciaes as apreciações das causas do papel dos homens de maior destaque nesse violento movimento que perturbou até hoje a funcção normal das instituições democraticas.

O intuito dos oradores que tomaram parte no debate foi justificar a intervenção de militares na politica, sustentando a doutrina da obediencia intelligente dentro da lei, dos regulamentos disciplinares. O soldado não é um automato, pensa e delibera, aprecia os actos do Governo, dos seus

superiores hierarchicos, á luz do criterio patriotico e obedece ou resiste conforme são esses actos de accordo ou infringentes dos preceitos legais. A obediencia passiva sómente é imposta em combate, em manobras, das quaes a massa armada figura como simples instrumento de execução. O Exercito e a Marinha tinham o direito de resistir aos actos do Governo contra a Constituição da Republica, como resistiram quando o escravismo pretendeu subordinar militares ao papel de capitães de matto. As classes armadas são susceptiveis de se commoverem ao influxo das idéas, pódem espozar as vencedoras na opinião publica, pódem incorporar-se ao povo, aos paisanos, para promover a victoria do que se lhes figura a conquista de generosos idéaes. O soldado não é um organismo mecha-nico: é feito, como qualquer mortal, de carne e osso, tem musculos, tem cerebro, tem nervos, intelligencia e vontade. O soldado é, conforme a fórmula retumbante, frequentemente empregada, a nação armada.

Esses conceitos estão, na verdade, de perfeito accordo com a verdade historica: o elemento militar figurou como factor essencial, sinão unico, em quasi todos os movimentos politicos, desde os dias da regencia do principe d. Pedro; figurou na rebeldia da regencia contra a metropole; figurou na Independencia, em todas as convulsões que agitaram a recente nacionalidade até o 7 de abril; figurou em todas as violencias contra a Constituição a começar pela da minoridade; foi o elemento de compressão das tentativas democraticas, afinal asphyxiadas em 1848 pela dictadura fundada sob a hypocrita apparencia de governo constitucional representativo. Não fôram, certamente, obra de paisanos, obra do elemento civil, as compressões da Republica do Equador, de Piratinim e de todos os movimentos democraticos que enriqueceram o martyrologio de heróes dessa propaganda de que o 15 de novembro foi a solemne, a definitiva, a patriotica reivindicação da passividade com que as classes armadas assistiram, impassiveis e obedientes, a todos os golpes de Estado que consolidaram o prestigio da monarchia, reduzindo a Constituição a letra morta, tal qual está succedendo com a «carta» de 24 de fevereiro, da qual aquellas mesmas classes, depositarias da força, se constituíram os mais abnegados, os mais vigilantes defensores.

Foi em nome desses principios, foi sob a inspiração desses idéaes patrioticos, que ellas resis-

tiram ao immortal marechal Deodoro da Fonseca e forçaram a abdicção, que não seria obtida entre flôres e charangas si o valente guerreiro não estivesse alquebrado pela molestia ou não preferisse dar um testemunho de desprendimento de todas as vantagens e honrarias da suprema posição que occupava, a provocar com a resistencia a lucta fratricida, o derramamento desse sangue de irmãos que depois de 23 de novembro correu em ondas para consolidar os fundamentos desse regimen de oligarchias, essa falsificação immoral, indecente, vergonhosa, dos principios basicos da democracia consagrados na Constituição, que é a menina dos olhos do Exército e da Armada.

Esta situação de um povo dividido em oppresores e opprimidos; a grande maioria do povo, dos interesses nacionaes subordinados ás minorias ridiculas; essa aviltante situação de um povo sem voto, excluido systematicamente, violentamente, de concorrer ás manifestações da soberania nacional, é incomparavelmente peor do que aquella que seria resultado provavel da refôrma tentada pelo golpe de Estado, refôrma que é hoje o timido idéal dos verdadeiros republicanos.

Foi uma violencia á Constituição esse ouzado golpe; mas a experiencia, os resultados do contra-

golpe põem em duvida si elle seria um erro, si seria um inestimavel beneficio ter conseguido de chofre, por um acto dictatorial, aquillo que, mais cedo ou mais tarde, seremos forçados a conquistar com immensos sacrificios para restaurarmos o regimen republicano.

Ninguem hesita mais em reconhecer que não valeu a pena sustentar em 23 de novembro a Constituição para rasgal-a depois, impunemente, para reduzil-a a esse trapo imprestavel que está encobrendo as hediondas, as repugnantes ulceras de um organismo degenerado, ameaçado de decomposição.

Nós não contestamos a nobreza dos intuitos dos principaes factores da resistencia ao golpe de Estado; estimamos se restabeçam, em toda a sua nitidez verdadeira, os pormenores desse famoso episodio da historia contemporanea; desejamos se restaure a tradição incerta, vacillante, com o apoio das provas documentaes: disso resultará com eloquencia esmagadora que aquelles alevantados intuitos fôram lamentavelmente contrariados, annullados pelas consequencias.

E é essa a triste lição da historia.

POJUCAN.

ORGANISAÇÃO MATERIAL DA POLICIA

Não é menos irrisorio o aspecto deprimente da policia no tocante á sua descuidadissima organização material. A este respeito tudo está por fazer, e esta phrase não contém exaggero porquanto o pouco de toleravel, que existe, é um infinitamente pequeno, desprezível, sem quebra de valia daquelle juizo. Entendamo-nos em principio: na organização material da policia, apenas incluímos os seus edificios e meios de transporte, coisas, no caso presente, fundamentaes e imprescindiveis.

A policia não possui, siquer, um edificio apropriado. A propria chefatura está abrigada em dois casarões da rua do Lavradio, entre quatro paredes, cujo recinto, pelo numero crescido de divisões de tabique, parece conter — não um dos mais importantes departamentos do ministerio da justiça — e sim uma destas casas do alugar commodos a gente duvidosa.

Desprovidos de ar, de luz, de hygiene, aquellas duas casas attraem, dia e noite, gente de toda especie,

proveniente de todos os pontos, homens visivelmente atacados de molestia contagiosa, principalmente tuberculosos, para não falar em transeuntes esporadicos victimados pela variola, pela peste bubonica, etc. Dir-se-á que é impossivel fazer retroceder os que alli vão, em tal estado; nem nós imaginamos que tal se tentasse praticar; mas, uma repartição publica, cujo destino primordial é attender a tão diversas solicitações, devia de ser adaptada a este mistér, obedecendo a preceitos que concorressem para que fôsse o menor possivel o mal disso proveniente. No emtanto, não é o que se vê. Pardieiros de pessima construcção teem sido, de tempos a tempos, ligados aos dois edificios principaes, já, por sua vez, unidos, entre si, por aberturas nas grandes paredes lateraes. Dahi resulta, como principal consequencia, condemnavel divisão de alojamentos, corredores acanhadissimos e escuros, um verdadeiro labyrintho inextricavel.

Do pavimento terreo, onde instalaram o corpo da guarda, xadrez e indispensaveis dependencias, sem limpeza e hygiene desejaveis, se desprendem, quasi sempre, para os

pavimentos superiores, emanações perniciosas á saúde do proximo e intoleraveis.

O chefe, os delegados auxiliares dispõem apenas, cada um, do uma sala, e nellas, promiscuamente, vão ter pessoas de todas as classes sociaes que alli topem, por qualquer circumstancia.

A' secretaria coube a triste sorte de occupar duas acanhadas saletas, quasi litteralmente occupadas pelas mezas e armarios de dois funcionarios, que nella trabalham, ás vistas de todos, tendo, pela frente, um corredor de minima largura, e, do lado, vidraças enormes, que, arriadas, impedem a entrada do ar, e, levantadas, dão accesso aos gazes deleterios desprendidos do pavimento terreo.

Entre estas duas saletas ridiculas, departamento do secretario e do official, fica a thezouraria, encaixada, como corpo extranho, entre as demais dependencias sobre a jurisdicção do secretario, as quaes se perdem, mundo a fóra, pelos pardieiros posteriormente construidos.

O archivo, secção utilissima e indispensavel, fica relegado para um local escuro, rente com o sólo, nos fundos

do predio, acanhadissimo, escuro, entregue ás moscas das cavallariças, ao abandono, ignorada talvez a sua existencia, ou evitado por todos como local ruinoso.

Não menos censuravel é a situação do gabinete medico legal, descuido e desprovido de indispensaveis recursos, installado nas alturas, difficilmente accessivel aos feridos, aos doentes, aos loucos, etc., que, para lá chegarem, terão forçosamente de percorrer enormes distancias, subir longas escadas, dispendir, emfim, um esforço evitavel, produzindo os alienados, ás vezes, escandalos, vozerias indescriptiveis aos olhos curiosos de toda a gente. Tudo isto é summamente vergonhoso e degradante. Resalta este conjuncto como das mais tristes provas de incapacidade e de desleixo.

E si é isto, a traços largos, a Repartição Central da Policia, não é outro o aspecto de qualquer das 28 delegacias do Districto Federal. Xadrezes ha que não offerecem a minima segurança; todos, sem excepção, são a ante-câmara da morte. O infeliz que nelles transita, põe-se em contacto com um mundo de obscenidades dia a dia, e por annos inteiros, juxta-postas, umas ás outras, pelos frequentadores incorrigiveis; em cada qual destes compartimentos abominaveis, ha o germen das mais temiveis molestias. A lavagem é difficil, espera-se, quasi sempre, um dia em que esteja vazio, e isto, em muitas delegacias, é rarissimo. Cogitar de hygiene nestes antros é mesclar com a philantropia a ironia. Ha quasi sempre vomitos, perdidos entre as grades impenetraveis, que os cachorros cubiçam com inveja. A moralidade e a decencia policiaes não conhecem siuão duas divisões no genero humano: homens e mulheres; os menores, de qualquer sexo, levados ás delegacias irão cohabitar com uns e outros em qualquer hypothese. Por passageira que seja a cohabitação, este contacto é nocivo aos jovens, facilita as contaminações dos vicios mais hedlondos, favorece o estabelecimento de relações entre individuos perdidos para o bem e creaturas innocentes, a quem se abre a porta do mal; aguça a libidinagem e degrada para sempre a dignidade do desgraçado cuja sorte se pretende corrigir.

Os mesmos traços de pessima adaptação, salientados no breve esboço, acima delineado, a respeito da chefatura de policia, recáem, sem excepção, sobre qualquer dos edificios das delegacias, quer urbanas, quer suburbanas; convindo notar que, além delles, quasi todas as estações policiaes se acham installadas em local inconveniente, fóra dos logares de maior movimento, quando o proprio regulamento policial claramente estatue que a installação das mesmas deve se realizar nos pontos centraes das circumscripções.

Assignalemos que todos os predios são de aluguel, oneroso quasi sempre ao Estado, porque o particular sabe que o locatario não é dos melhores, quanto ao trato que dispensa ao immovel; assignalemos os necessarios accrescimos feitos por conta do Governo e imagine-mos, após, a que cifra monstruosa attinge tudo isto, quando se sabe que, só nos referidos alugueis de casas, a policia dispende uma verba annual superior de dezenas de contos a 100.000\$000!

O que de dinheiro se tem esgottado com este processo estapafurdio de administrar é somma além do sufficiente para que a policia já, estivesse admiravelmente installada.

Felizmente nenhuma quadra é mais vantajosa para o empreendimento desta obra, utilissima e urgente, do que a actual, quando a cidade começa a tomar um aspecto topographico definitivo e immutavel, graças ás novas ruas e avenidas, abertas sob o dictame de louvavel criterio e tendo em vista, principalmente, as necessidades do transito, o encurtamento das longas distancias e a consequente approximação dos diferentes bairros.

Ao lado destas observações, convém operar-se melhor divisão nas zonas a policia, augmentando a área de algumas circumscripções, por demais pequenas em contraste com outras que abrangem bairros diferentes e populosos.

São minudencias que tem, agora, escapado ás diversas réformas, saturadas dos defeitos das precedentemente realisadas; por minusculas que sejam, todas estas circumstancias concorrem e conspiram para a fre-

quencia de constantes absurdos proliferando, na tarefa policial, os mais desencorajadores insucessos.

Quão longe nos achamos, pois, do nivel a que deveramos aspirar em materia de policia.

Para corrigir tantos abusos e disparates, não precisamos de recorrer a encyclopedias, nem a tratados, nem ás organizações policiaes estrangeiras, nem reunir um congresso de notaveis; basta que, em tudo quanto se refere ao assumpto, nos afastemos dos obsoletos e perigosos processos tradicionaes, cujos tristes resultados presenciemos.

Si, no tocante aos prédios policiaes, a coisa está nesse pé, não menos aviltante é a situação da policia quanto aos meios de transporte. A policia do Districto Federal não possui um automovel. Seria ridiculo, talvez, dar-se ao luxo de vencer distancias utilizando-se do melhor e do mais ligeiro meio de transporte que se conhece. O duello de Copacabana (os leitores não no esqueceram), teria sido evitado si, em vez dum carro, a policia possuísse um auto.

O Districto Federal, com população densa e escasso territorio, abrange zonas que vivem no mais completo abandono. Ha circumscripções de suburbio onde, diariamente, são dados á sepultura, nos cemiterios locais, sem o competente attestado medico, cadaveres de individuos de todas as edades, principalmente de recém-nascidos, não só por falta de profissional, como tambem pela difficuldade immensa do transporte de medicos legistas até longinquas paragens que demandam penosas viagens a trem, bonde e a cavallo. Compreende-se quantos crimes podem ser perpetrados e ficar impunes.

Na quinta circumscripção suburbana, o relaxamento é inqualificavel, constando o expediente da delegacia, quasi todos os dias, de communicações do administrador do cemiterio da localidade ao delegado, fazendo-o soiente de que, tendo decorrido as 24 horas, foram sepultados os cadaveres sem o necessario attestado de obito. Vê-se, pois, que seria de grande vantagem o estabelecimento de um posto medico-legal naquellas paragens distantes, afim de evitar abusos de tão

grande monta. As auctoridades zelosas no cumprimento do seu dever, e sem quererem violar a marcha regular dos processos, se vêem quasi sempre em insuperaveis difficuldades afim de obterem do gabinete de identificação a ficha dos accusados, porquanto o transporte é feito a pé das delegacias áquella repartição, exigindo cada prezo duas praças para o acompanharem.

Não ha carros apropriados e exclusivamente destinados a este mysterio, por um lado; e, por outro lado, a hora de serem enviados os contraventores ao mencionado gabinete identificador, é justamente a oportunidade em que as praças do destacamento são chamadas a quartel para exercicios de infantaria, etc.

Sabemos que o infatigavel sr. Felix Pacheco, director do serviço de identificação, pretende estabelecer nas proprias delegacias secções auxiliares da tarefa a seu cargo, sanando, assim, as maiores difficuldades e facilitando louvavelmente a obtenção da ficha sem a exigencia da remessa do accusado ao gabinete, sob o sol, sob a chuva, exigindo, além do mais, o concurso de duas praças, pelo menos.

Todos estes factos são o resultante da falta de meios de transporte, no que se não cuidou até agora sinão muito remotamente.

Resumindo, para rematar, as observações que vimos colligindo sobre a policia do Districto Federal, podemos, por hoje, dizer o seguinte:

- 1º — a policia militar não preenche o seu fim principal;
- 2º — a policia secreta vive ás claras;
- 3º — a organização material do policia — incluindo sob esse titulo — edificios e meios de transporte — é o que pôde haver de mais condemnavel.

BENTO DA GAMA.

* Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadernadas do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

Toda a correspondencia relativa aos « Annaes », deve ser dirigida ao secretario, o sr. Walfrido Ribeiro.

Do livro *Principios de Philosophia*, que o sr. Samuel de Oliveira dará brevemente a publico, havemos de publicar alguns capitulos — os que, com mais precisão, venham a informar os nossos leitores das idéas do auctor.

Acompanhando a carta em que o conhecido professor e engenheiro do Exercito nol-os prometteu, veio o prefacio do livro, que segue:

PALAVRAS PREAMBULARES

Em regra, o escriptor brasileiro que se dedica aos assumptos philosophicos está incluído ou na classe dos *competentes sem independencia*, ou na dos *independentes sem competencia*. A' primeira pertencem os positivistas orthodoxos, os quaes, si bem saibam a sciencia e a philosophia nos limites traçados por Augusto Conte, vivem atufados numa submissão vergonhosa, acreditando na infallibilidade do « Mestre »; á segunda se prendem aquelles que, amando a liberdade de consciencia, a autonomia de pensamento, não possúem, todavia, educação scientifica sufficiente com que dêem consistencia ás doutrinas que se propõem defender. Dahi a copia servil, de um lado, e, do outro, o trabalho fragmentario. Em ambos os casos, esforços que se não aproveitam, inteiramente baldos de interesse.

O livro que se váe ler é uma como reacção contra esse triste estado de coisas; encerra uma concepção geral do universo em todos os seus aspectos; foi longamente pensado e meditado, á luz desse espirito de critica livre que só se submete á auctoridade dos factos e da razão. Além de que, antes de o compôr, tive o cuidado de rever os conhecimentos scientificos de que havia mysterio. Fiz, pois, um trabalho de philosophia, de sciencia e sobretudo de *consciencia*, julgando assim prestar simultaneamente dois serviços ao meu paiz: o da propaganda directa de idéas sãs, e o do combate indirecto, em materia philosophica, á superficialidade que nos atraza, e ao fanatismo que nos deprime.

* *

Fundo-me em boas razões para acreditar que o combate e a propaganda terão as melhores consequencias.

Em 1901, a titulo de experiencia,

enfeixei num opusculo, com o nome de *Concepção da Philosophia*, muitas das paginas que hoje compõem a primeira parte destes *Principios*.

Em poucos mezes, a edição, de numero relativamente consideravel de exemplares, dada a natureza do assumpto, ficou esgotada.

O livro foi lido, meditado e apreciado. Louvaram-se-lhe as idéas e a fórma, louvou-se o auctor. Sylvio Roméro, essa gloria sul-americana, disse que a *Concepção da Philosophia* investigava, « com innegavel clareza, penetração e competencia, algumas das mais arduas questões do espirito humano. » Disse mais que o livro revelava « uma intelligencia lucida, vigorosa, grandemente preparada no assumpto; um espirito autonomo, um pensador independente, que sabe o diz e diz o que sabe. »

Medeiros e Albuquerque, typo de pensador, infelizmente roubado aos assumptos philosophicos pela litteratura ligeira do jornal, escreveu da *Concepção da Philosophia*: « O livro é excellente. Muito bom, muito claro, escripto num estylo singelissimo e, todavia, entusiasta e vibrante, expõe com a maxima nitidez os pontos de que se occupa. » Acha tambem que « a exposição não podia ser mais clara, mais bem raciocinada. »

O saudoso José Avelino qualificou a obrinha de « simplesmente primorosa. » E em conceitos analogos abundaram outros espiritos de eleição, entre os quaes merece ser citado aquelle homem extraordinario que se chamou Francisco de Castro, — escriptor e philosopho, artista e pensador — cujas palavras de applauso ao meu trabalho teem sido para mim o melhor dos incentivos.

Ao lado dos espiritos superiores que francamente, abertamente batiam as palmas aos meus esforços, outros, de superioridade intellectual incontestavel, mas de superioridade moral duvidosa, repetiam as minhas idéas, em escriptos e palestras, occultando malevolamente o meu nome. Longe de me desanimar, isso tambem concorreu para me dar força e coragem, convencendo-me ainda mais da existencia de alguma coisa util em meus escriptos philosophicos.

Contorce-se a inveja? E' signal

evidente de que algum raio de luz foi despertal-a, entontecel-a, em seu antro. Projectáe-lhe sobre o costado asqueroso, desapiadadamente, outros raios de luz mais intensos, e breve o monstro deitará a correr apavorado, para não mais voltar.

O intellectual, o homem que vive a estudar e reflectir, e que, num movimento do mais nobre desinteresse, arranca do intimo do pensamento as suas melhores idéas e, dando-lhes fórma, as offerece ao seu paiz, prestando assim a este o maior de todos os serviços, — tal homem precisa estar convencido de que, para a sua glorificação, tanto valem as pedradas da inveja despeitada como as palmas da critica honesta: umas e outras convergem necessariamente para o mesmo fim: a differença está em que essa convergencia se faz de modo involuntario e inconsciente para as primeiras.

.....

Coroada de feliz exito a minha experiencia de 1901, não é de crer que o não sejam os *Principios de Philosophia*, os quaes, quando nada, teem a virtude de encerrar um pensamento integralizado debaixo de um ponto de vista que póde não ser verdadeiro, mas que é incontestavelmente meu.

* *

E' certo que ha quem não veja nenhum merecimento nisso, e até descubra uma como incompatibilidade entre as cogitações philosophicas e os deveres inherentes á minha profissão. Um *engenheiro militar*, isto é, um homem que deve ser um *pratico* por excellencia, mettido a philosopho!... Eis a objecção, a qual indubitavelmente se firma num erro grave.

A philosophia, como a entendem os grandes pensadores modernos, e como eu, aliás sem nenhuma pretensão a pensador, tambem a entendo, é tão incompativel com as coisas da vida pratica como a sciencia: porque essa philosophia não póde prescindir dos dados da EXPERIENCIA: porque ella se nutre principalmente das conclusões do dominio SCIENTIFICO: porque ella legisla sobre a realidade innegavel e insophismavel dos FACTOS.

O espirito philosophico é o espirito de systematisação, de methodo, de

ordem. Si a pratica o repelle, então é porque ama a desordem, a ausencia de methodo, a incohesão.

Esses senhores *homens praticos*... Estou quasi a dizer que muitos delles berram contra a philosophia porque a não comprehendem; porque não teem capacidade para se alistar, ainda que occupando um dos ultimos logares, na classe dos philosophos, que é a dos intellectuaes por excellencia, aquella a que pertencem os maiores genios que a humanidade tem produzido.

Esses senhores *homens praticos*... Parece que elles nunca leram o livro eminentemente *pratico* sobre educação escripto pelo genial *philosopho* Herbert Spencer. Parece que ignoram factos como aquelle de Newton, outro genial *philosopho*, ter alcançado, no character de director da Casa da Moeda de Inglaterra, que as officinas produzissem *quasi dez vezes* a quantidade *maxima* que fôra admittida como *possivel* pelos mais eminentes *praticos* do tempo.

.....

Ainda não tive na vida um só momento em que devesse maldizer a minha cultura philosophica. Ao contrario, só posso louval-a, porque de muito me tem ella servido, mesmo nos mistéres da *pratica*. Agóra mesmo, na elaboração de um livro de engenharia destinado aos *praticos*, inestimaveis serviços me váe prestando esse espirito de systematisação, de methodo, de ordem, do qual falei ha pouco, definindo o espirito philosophico.

E', pois, de alguma sorte, um producto da experiencia este amor ardente que eu dedico á philosophia, assim como esta convicção inabalavel com que sustento o character util e patriotico do presente livro. Posso dizel-o feito de uma parte do meu espirito e de uma parte do meu coração: posso dizel-o composto de intelligencia e amor.

* *

Os *Principios de Philosophia* vão divididos do seguinte modo:

1ª parte: *Critica geral do conhecimento*;

2ª parte: *Critica geral dos systemas*;

3ª parte: *Synthese ou construcção*.

Nas duas partes de critica, en preparo o desenvolvimento de minhas

idéas, que ficam definitivamente expostas na terceira parte. O sétimo capitulo desta resume todo o livro em seus pontos cardeaes.

Para me julgarem, é indispensavel que me leiam de principio a fim, e que saibam distinguir o que é proprio de minha philosophia daquillo que pertence a todas ou quasi todas as philosophias fundadas na experiencia.

* *

Duas palavras respeito á fórma, e darei por terminado este preambulo.

Ser-me-ia facillimo, graças á minha educação intellectual, carregar os meus escriptos philosophicos de termos technicos, e ficar assim em condições de ser comprehendido sómente pelos competentes. Não o fiz, não o farei nunca.

Em materia de fórma, a regra que sigo é invariavelmente esta: apprehendida a Verdade, expôl-a de modo eminentemente simples e claro, sem todavia cair no banal.

Accresce que seria um desatino o pretender propagar, em linguagem difficil, idéas philosophicas num paiz onde, si ha muita gente que goste de ler e deseje saber philosophia, não são muitos os que estão em condições de comprehender pensamentos generalisadores envoltos numa fórma sómente accessivel aos profissionaes.

Lorena—1906.

SAMUEL DE OLIVEIRA.

CARICATURAS

O ORACULO DE EPIDAURO

A Medicina, apesar dos decennios de seculos que distam de suas origens, ainda não póde perder de todo a sua feição sobrenatural primitiva, de quando era uma pratica sagrada, que os prophetas e sacerdotes das diversas crenças alliavam aos seus mistéres de conversão dos povos e evocação dos Deuses. Era uma graça divina concedida aos que de mais intimo andavam com os immortaes, invocando-os por entre o fumo dos incensos nos altares dos templos grandiosos.

Apezar da obra de Hypocrates, coordenando os conhecimentos varios

e dispersos, roubados aos reconditos das aras por um sacrilegio humanitario, e fazendo-a revistir-se do caracter de uma arte ou sciencia ao alcance dos pesquisadores e sabios, ficou o seu trabalho immorredouro estagnado por seculos.

A petulancia dos medicos das ultimas edades, tão realmente pintada por Molière, foi o principal estorvo por quererem elles tornar a sua arte de um privilegio sacro, que era, em uma sciencia exacta, cujos dogmas arrogantemente impunham e proclamavam, em vez de cooperarem, como tantos outros benemeritos da humanidade, para incorporar novos factos á obra, ainda não finda, da Medicina.

A dôr humana não raciocina, o instincto de conservação actúa intensamente no homem como um dos attributos inferiores, que a sua intelligencia debalde tenta submeter. Vá se dizer a um doente que soffre, a um outro que teme morrer, a uma mãe com o filho em perigo, que se não deixem levar pelas filancias dos charlatães, que tudo curam e dizem dispôr de poderes illimites para suffocar todas as molestias e salvar a vida.

No meio do cahos informe desses exploradores da dôr humana, numerosa é a lista dos processos multiplos empregados para curar: as therapeuticas phantasticas, as praticas, fetichistas dos curandeiros, os milagres e promessas, a intervenção dos espiritos, etc.

De certo, o mais curioso delles é o da confabulação com os espiritos, que digmesticam e recitam pelas mãos dos *mediuns* com a auctoridade de grandes medicos, adquirida na terra. Continuam a exercer a clinica *post-mortem* com a mesma garantia com que os eleitores defunctos exercem seus direitos de voto, apesar da metempsychose soffrida e em proveito de individuos extranhos, que do recurso sobrenatural se aproveitam para a exploração da eterna imbecilidade humana ou das dôres intensas que anestheizam o raciocinio.

Pobres almas penadas de grandes sabios, que andam de mão em mão, ou, melhor, de bolço em bolço dos invocadores, que as possuem e perdem quando outro, mais esperto, disto convince os crentes, Assim é que Tor-

res Homem foi propriedade de um dos taes, que por muito o teve á disposição recitando soluções alcoolicas de platina, lycopodio e graphite, e tanto lucro lhe deu, que os collegas, enciumados por uma tão prolongada alliança animo-corporea, buscaram roubar-o. O inspirado pelo famoso clinico, fragil como todo o humano ser, inci-dira no 9º mandamento, coisa de bem pouca valia nos tempos correntes, mas de grande para os espiritos austeros guardadores dos preceitos de Deus, e fulminaram com a sua excommunhão o mortal peccaminoso, mas de uma excommunhão mais temivel.

Torres Homem retira a protecção ao indigno de seus favores e, confiante ainda nos mortaes, transfere-a para outro clinico, que do facto escandaloso bem soube aproveitar-se.

Espiritos ha assim ás ordens deste ou daquelle; outros, mais paternaes, assistem aos que lhe herdaram o nome e a profissão, e outros ha dispersos, susceptiveis de invocação geral em soccorro dos pobres e desvalidos em Assistencias Medicas mal assombradas, verdadeiras *miseri-cordias* de espectros, fluidicas ordens terceiras.

A rua tem o transitio impedido, os civis esforçam-se por manter a ordem em frente ao local, ou (perdõem o sacrilegio), o altar, onde o sacerdote da Medicina impõe o seu olhar frio, penetrante e onnisciente sobre os doentes, emocionados e anciosos, desvendando-lhe no intimo as desordens que lhes desequilibram a saúde, e traça com sua mão energica, em gestos seccos e curtos, os hieroglyphos da fórmula, susceptivel de uma decifração unica.

Renovam-se alli os milagres biblicos, que divinizaram o Nazareno; leprosos repellentes tem a pelle limpa, os cancos se absorvem sem a intervenção sangrenta, os paralyticos se movem, os tuberculosos se curam, os aneurismas reduzem-se ao calibre normal dos vasos, o milagre da resurreição repete-se, como outr'ora em Capharnaúm. E' o oraculo para o qual appellam os desanimados dos outros clinicos; é uma verdadeira inspiração omnipotente, como na Gre-

cia antiga a de Esculapio, deus da Medicina, fazendo-se ouvir aos que o invocavam em Epidauró, para onde convergia toda uma multidão humana soffredora.

Um oraculo moderno, naturalmente mais pratico, regula sua consulta para evitar a confusão. Em limitados dias, em curtashoras, em miuguido numero, vão os consultantes muridos da senha, de antemão difficilmente adquirida como nos espectaculos desejados, em que se antecipa a procura dos bilhetes, e o cambista age.

* *

O Symphronio, pobre funcionario, arrastára ao leito do seu filho uma cohorte de clinicos, que improficuamente luctava para travar a marcha da molestia. Desesperado, recorreu ao moderno oraculo de Epidauró, como a salvação ultima. Reuniu das suas economias, recorreu de um onzeneiro sobre os seus, já descontados, vencimentos, e foi-se, confiante em busca da salvação do filho.

Desanimo! Só havia logar para dahi um mez! Que fazer? A molestia não daria tempo a tão longa espera. Como abreviar o prazo? Como poder logo penetrar no recinto sagrado? O cerbéro alli estava, cruel, positivo: dobrasse a molhadella. Impossivel, o pobre pae estava exaustó, nada mais tinha e não podia occultar o desespero.

Uma alma caridosa indaga-lhe da sua perturbação e sabendo o motivo aconselha-o a comprar o cartão e esperar confiante.

Assim fez o pobre homem, que, de posse do ingresso, volta precipite para casa e colloca-o, como uma reliquia, sob o travesseiro do doentinho,

Passam-se os dias, as melhoras accentuam-se, decorre o mez do prazo sem que o pae, louco de alegria, se lembre da consulta quando o simples cartão conseguira o assombroso milagre.

Subito, recae a creança, o pae apavorado procura o cartão, que encontra rôto, sob a cama, pelo infeliz, innocente destruidor do seu talisman.

Dessa vez, não se afflige; volta ao oraculo, consegue outro ingresso para dahi dous mezes, colloca-o, como dantes; mas o milagre não se renova;

o anjinho ala-se aos páramos ignetos.

Verifica-se depois a causa do insuccesso. O pae, crente na virtude do simples cartão, e já alcançado dos finanças, consegue o outro com abatimento, que não opéra, no entanto, o milagre por ser falso, falso como uma authentica eleitoral.

O moderno cerbéro do moderno oráculo sabia tambem agir pelos modernos processos: falsificára o ingresso.

DOUTOR CABANES.

O UIRAPURU' (6)

NOVELLA PARAENSE

POR

DOMINGOS OLYMPIO

X

Ao despontar o dia, os caçadores achavam-se em plena matta na soberba faixa de floresta colossal, onde a estrada de Bragança immerge em linha recta, sob ininterrupta abobada de impenetravel ramaria, espessa, luxuriante. Abandonando a estrada, elles seguiram um caminho á esquerda, ladeado de troncos gigantescos, cujas raizes, rugosas como patas de aves colossaes, o atravessavam, interrompiam, esfoladas, roídas, pelo aspero rastilho das zorras, os profundos sulcos de rodas das carroças conductoras de lenha e madeira. Além, estreitava-se o trilho em tortuosa picada, escura e humida, pois mal traspassavam a ramaria cerrada alguns raios de sol, onde brincavam, um nimbo de luminosa poeira, minúsculos insectos de armaduras esmaltadas de ouro, cravejadas de esmeraldas rutilantes. Mais adiante, a vereda, quasi disfarçada sob arbustos de ramos orvalhados a acoitarem as botas dos caçadores, esbarrou numa tapéra abandonada, invadida pelo matto, pelas plantas sobreviventes como vestigio de antiga cultura. Em pictoresca promiscuidade, simulando um esforço supremo para a luz, o ar livre, de que os privavam um anjelin colossal sobrepujando os outros gigantes, todo carregado de parasitas floridas pendendo-lhe dos vigorosos galhos, á guiza de esfarrapado manto, um tecido de cipós de jaboty, de cipó-catinga, carembós e baunilha perfumosos, erguiam-se á

porfia, com as hastes dos bacabeiraes, os leques das bussús, inajás e popunhas, touças de bananeiras, mangueiras frondosas, copoassús carregados de grandes fructos, velhos limoeiros attestando a extincta vida dos habitantes da tapéra, donde descia a vereda em declive até o antigo porto no igarapé sombreado pelo assahyzal de tenues e longas hastes encimadas de palmas desgrenhadas.

— Mas isto foi um sitio magnifico — observou Joannico, penetrando o alpendre da casa, alijada por um formigueiro demolidor e examinando o tecto de caibros donde pendiam colmeias de cábas venenosas.

— Este sitio foi abandonado — disse Placido — no tempo da cabanagem. Pertencia a uma familia de caboclos ricos. Alli, naquelle resto de arcada, era a capella, onde havia missa aos domingos e festas da padroeira que attraíam todos os habitantes deste igarapé, cuja bocca fica defronte da fortaleza da barra. Ainda ha vestigios de uma engenhoca, dos fornos de fazer farinha e lá embaixo, na capoeira, vêem-se os roçados, restos de plantações de café, de cacáu, asphyxiadas pelo matto. A familia foi barbaramente assassinada pelos bandidos que, em vão, lhe martyrizavam o velho chefe para obterem a revelação do esconderijo do dinheiro em ouro e prata, das baixellas, das joias, um thezouro inventado pela imaginação dos visinhos invejosos. Depois da carnificina cavaram por toda a parte; nada encontraram. Passada a revolta que assolou a provincia como tufão de odio insensato, restabelecida a ordem, os visinhos evadidos pelo terror, voltaram aos lares, encontraram os cadaveres das victimas entre os destroços da casa incendiada e os enterraram piedosamente numa grande cova aberta na estreita nave da capella. A superstição conservára e augmentára a tradição desse crime. Conta-se que, surprehendidos por uma borrasca, alguns caçadores se abrigaram aqui. Alta noite, ouviram plangentes gemidos e, em fila sinistra, surgiram do igarapé phantasmas, as almas penadas dos assassinos, que se ajoelham em fervorosa prece na porta da capella esboroadada, pedindo perdão do seu nefando crime.

— Não sei porque — murmurou Joannico, lançando desconfiado olhar ás ruínas — essas historias absurdas me causam arrêpios.

— Apesar do meu fetichismo — continuou Placido — não tenho medo de almas do outro mundo. Nunca vi nada de extraordinario, de sobrenatural nestas paragens.

— Seja como fôr — insistiu Joannico — ha factos inexplicaveis. Pergunta á minha tia porque abandonou a fazenda? ... Depois da morte do velho, houve por lá coisas horriveis. Ella via todas as noites phantasmas atravessarem a varanda, sumirem-se num clarão sulphuroso. Fala á Affonsinha em almas do outro mundo e verás como a pobre se transfigura na imagem do terror..

— Efeito da imaginação sobreexcitada, allucinações de hystericismo; essas visões são muito vulgares nas mulheres nervosas... Mas... estamos a conversar e a caça não está ás nossas ordens.

— Esta matta parece deserta, é muito batida, está proxima da cidade... Não vejo vestigio de caça. Perderemos hoje o nosso tempo...

— Ha de apparecer, pelo menos, um veado — affirmou Placido, tirando da poltrona o talisman e mostrando-o ao Joannico.

— Que é isso?

— Um uirapurú — respondeu Placido.

— Ah! ... acreditas na virtude desse feitiço? Eu possuia um, que dei, em Paris, a um naturalista meio sabio, meio maluco, apaixonado por essas curiosidades.

Nesse momento ouviram um estampido secco, e uma chuva de caroços caíu sobre elles. Joannico, sacudido de terror, deu um salto e interrogou, com os olhos esbugalhados; Placido, que o tranquillizou sorrindo.

— Foi um ourico de seringueira que espocou... Si estivesse sósinho aqui, o nosso doutor fugiria espavorido, iria confirmar com o seu testemunho o caso da tapéra. Ahi tem com que se fazem os duendes...

— Has de convir — observou Joannico, dominando a subita impressão de espanto — que a seringueira espocou a proposito para me pregar um tremendo susto. Poder-se-á explicar

isto por méro acaso, por coincidência?... Vamos, deixemos esta mal-dita tapéra...

A marcha continuou por um cerrado cacoal lamaçentó, abafado pela invasão da herva de passarinho, até onde encontraram destroços de uma porteira e cercas arruinadas. Nas sapopembas de uma sumaumeira enorme formando uma caverna, encontraram o *balaios* de provisões deixado alli pelos rapazes que iam adeante. Placido, conhecedor daquelles recantos, inspecionou o terreno, descobriu o rastro dos cães e internou-se de novo, com o companheiro, na matta sombria.

Fabricio e Gregorio, familiarizados com os habitos da caça, tinham iniciado a batida. Ouyiam-se o latido guttural dos cães, as businas sonoras, melancolicas, signalando a direcção de um veado perseguido. Placido e Joannico se esconderam, distanciados uns cem metros, em tocaias bem marcada de pegadas recentes, pequenos buracos ellipsoidaes cavados na lama aos pares, rumo do igarapé proximo, e esperaram anciosos, de armas engatilhadas, a chegada do animal, cuja corrida vertiginosa pela floresta enredada de troncos e cipós, em varia, disparatada direcção, parecia ter fatigado a matilha, como denotava o ganir arquejante, ora mais proximo, ora mais distante, quasi imperceptível.

Um bello veado estacou de repente, transido de espanto, a dois passos de Joannico e, após um rapido instante de indecisão, passou com um salto epileptico por cima do caçador que, attonito, colhido pela surpresa, desfechou um tiro sem pontaria.

Joannico se desvencilhou rapidamente da blusa, da cartucheira, das botas e precipitou-se com os cães no igarapé profundo. O veado nadava ao favor da correnteza enrugando levemente a agua, limpida e serena, em dois listões formando um angulo agudo, cujo vertice partia da graciosa cabeça de ventas offegantes e grandes olhos meigos, muitos dilatados numa expressão de supplica. Depois de alguns minutos de fuga, perseguido pelos cães e por Joannico, que nadava vigorosamente, o veado parou hesitante como si quizesse retroceder: presentira o inimigo pela frente e bus-

cou a margem opposta, um barranco erigido de taquaras unidas como cerca impenetravel. Estava quasi a galgal-o quando Joannico, com supremo esforço, conseguiu approximar-se. Ouyiu-se, então, um tiro e o berro lamentoso do animal ferido. Emergindo da ramaria, Placido bradou:

— Não agarre o bicho!... As suas patas cortam como navalhas!..

No ardor da perseguição, Joannico pegára pela cabeça o veado, que se debatia em desesperada lucta, cercado pelos cães a lhe nadarem em torno, ganindo de alegria victoriosa. Ao mesmo tempo, Fabricio e Gregorio appareceram numa montaria rapidamente impellida pelos remos de pá, manejados por dois caboclos jovens de rija musculatura, trajando apenas calças velhas de riscado azul desbotado.

Colhida a caça pelos tripolantes, Joannico se agarrou exausto á borda da pequena embarcação, quasi alagada com o seu pezo. Sentiu, então, arderem-lhe os pulsos e viu ensanguentada a manga da camisa.

Quando chegaram á beirada, Placido examinou os ferimentos, uns ligeiros arranhões das patas do animal. Com a calma de quem estava habituado a esses accidentes, sacou do bolso do gibão um frasco de Maravilha de Humphrey e, com o lenço enso-pado no poderoso hemostatico, pensou o amigo com inequalavel pericia.

— Podia ser fatal — observou elle, amarrando os pulsos de Joannico.

— Bem sei. Mas o bicho passou-me pela cabeça... Não o largaria, nem que me estripasse com as unhas affadas... Não é nada... Que prodigioso remedio!... O sangue estancou; está passando o ardor... Que bello animal!...

— Bonito, com effeito. Matámos a caça, vamos agora cuidar de nós, de você principalmente, que está molhado... Olhe!... tome o meu gibão; dê aos rapazes a roupa para seccar e vá lá um trago de restillo do Fortunato para combater o resfriamento.

Joannico despiu-se completamente, sorveu um longo trago de um frasco empalhado e enfiou o amplo palitot de Placido, uma especie de blusa de algodão encorpado, tinto de roxo-terra do summo de mangue. E reparando

o seu desalinho, elle commentava com alegria infantil o accidente que fôra o encanto da caçada e déra ensejo á sua intrepidez.

Os rapazes ataram com cipós as quatro patas do veado e o carregaram pendente de uma vara onde ia tambem estendida a roupa de Joannico, que caminhava falando aos cães, de cartucheira a tiracolo, arma ao hombro e levando as botas suspensas á mão direita. Seus pés elegantes, deshabetuados á nudez, crispavam-se ao contacto das asperezas do sólo.

E assim volveram á sumaumeira. O sol dardejava a pino. Ligeira brisa balançava os saccos de ninhos de uma colonia de japiyus, pendentes dos ultimos galhos, capuchos de sêda finissima fluctuavam no ar como flocos de neve. Os passaros fizeram enorme algazarra á chegada dos caçadores. Os que iam conduzindo palhas para os ninhos, os que se empregavam no trabalho de tecer, os que estavam dentro dos ninhos cantavam assustados, communicando em inintelligivel linguagem o extraordinario acontecimento perturbador daquella solidão.

Placido e Joannico esperavam, fumando cheirosos cigarros de tabaco do Acará, o almoço, espantando os carapanans que vinham gemendo picar-lhes as orelhas.

Fabricio aticava uma pequena fogueira de gravetos. Gregorio fendera, com um amestrado golpe do afiado terçado, o ventre do veado, cujas entranhas fôram saído da larga brecha e caíram no sólo com surdo rumor para serem devoradas pelos cães famintos.

— Vocês não levantaram outra caça? — perguntou Placido aos rapazes, occupados no preparo do veado.

— Pegámos uma pacca — respondeu Fabricio.

— A caçada não foi má — continuou Placido, dirigindo-se ao Joannico — e deu pouco trabalho, não levando em conta o banho no igarapé. O almoço foi muito frugal — um naco de pirarucá e o figado do veado assado ao espeto de paxiúba. Joannico comeu com appetite de caçador, molhando os boccados num forte molho de limão e pimenta.

— Isto é um magnifico bicho — disse

elle — para jantar mais tarde com a prima.

Os cães saciados pela farta comédia, reponzavam estirados na relva, olhos quasi cerrados, e pendentos dos beiços as rosadas linguas a gottejarem abundante saliva.

XI

Tanto que avistou Placido e Joannico se approximarem num carro descoberto, Affonsina fugiu da janella para a sala de jantar, deixando a mãe com o Guimarães, o amavel correspondente, encarregado de vender a aguardente e o assucar do engenho. D. Amelia não cessava de louvar a honestidade desse negociante que nos quarenta annos, dirigia uma das mais acreditadas casas aviadoras de Belém.

— Seja bemvindo — exclamou ella, estendendo a mão a Placido — Pensei que estava zangado comnosco...

— De maneira alguma — respondeu elle, confuso — Não liouve motivo para isso. A senhora sabe que homens de negocios não são, ás vezes, livres. O Guimarães que o diga...

— Por maiores que sejam as obrigações, ha sempre, quando se tem boa vontade, um momento disponivel para o cumprimento dos deveres de amizade. Por mim, não se me dava que o senhor se ausentasse, si isso não affligisse a menina, si não desse essa ausencia motivo para falações dos maldizentes. Olhe: não é por ser minha filha... o senhor, com uma véla acceza, não encontraria outra tão meiga, tão boa...

Joannico correu em auxilio do amigo:

— Ora, titia, não esteja a moer o pobre Placido. Não veio porque não pôde. Dou o meu testemunho.

— O teu testemunho!... Tu és um máu padrinho. Não pôde vir mas pôde metter-se pelo matto em caçadas, pôde ir ao café Carneiro...

— O Placido é o melhor dos homens — affirmou Joannico, e, voltando-se para elle, disse-lhe á puridade — Anda dahi. Váe prostrar-te aos pés de Affonsina, pede-lhe perdão. Com a tia, nada conseguirás.

E foi levando Placido para a sala de jantar, onde encontraram Affonsina, fingindo enfeitar com flôres um vaso

japonez, todo esmaltado de guerreiros com horrendas mascararas.

— Trago-te, priminha, o esquivo noivo — disse Joannico, sorrindo — E vou mudar a roupa para fazer as honras de casa ao Guimarães, precioso amigo.

Affonsina, continuando o arranjo das flôres, acollheu o noivo com um ligeiro movimento de cabeça.

— Tem razão — murmurou Placido, vencendo com esforço o enleio que o constrangia e abandonando as desculpas engendradas para se justificar: — Tem razão. A minha ausencia não tem desculpa, nem lhe peço que me perdôe... Um momento de duvida, de receio de não ser digno da senhora, de não poder fazer a sua felicidade, num conjuncto de circumstaancias determinou essa ausencia que era um meio de deixal-a em liberdade para meditar com calma no que vamos fazer, nesse acto irrevogavel, deliberado rapidamente, sem nos conhecermos bastante como duas pessoas que vão ligar para sempre os seus destinos.

Affonsina conservou-se silenciosa, de olhos baixos.

— Devo confessar — continuou, approximando-se — que me impressionou muito a attitudo de sua mãe, as suas tendencias de dominio absoluto...

— Mas... — interrompeu a moça, com voz tremula, sumida, como um suspiro — O senhor não váe cazar com ella...

— E' verdade; entretanto, iremos viver juntos; ella faz questão disso. A senhora não terá energia para subtraír-se á sua influencia.

— Pois não é natural que uma filha unica viva sob a influencia da mãe? O senhor tem prevenções sem fundamento. Mamãe é muito positiva, muito franca. Adquiriu, como dona de casa e mulher de um homem de bom como papae, o habito de governar sósinha, mas tem um coração de anjo...

— Não duvido...

— E desde que o senhor e ella se conhecerem melhor, será tratado como filho. Quando o acceitei por marido obedeci á sympathia que o senhor me inspirou e ao acolhimento de mamãe, muito escrupulosa na escolha de seus amigos, quanto mais do futuro genro. Além, disso o senhor é o contraste do

Joannico. Nunca pensei que entre o senhor e ella se manifestasse tão cedo essa... como direi?... essa incompatibilidade...

Placido, absorto, surprehendido, por essa linguagem, modelada num ligeiro tom de energia, ouvia submisso, quasi vencido.

— Ainda é tempo de remediar o mal. Só me resta o arrependimento de ter escripto aquella carta pueril, onde disse, talvez, o que eu não sentia... Deveria ter mais cabeça e menos coração.

— Affonsina — exclamou Placido, afflicto, como si aquellas palavras lhe esmagassem o coração — Eu não me-reço ser tratado assim. A minha sinceridade é prova do meu affecto. Preferi ser franco a enganar-a com desculpas banaes, com pretextos futeis; externei-lhe o lamentavel estado de minha alma para que a senhora me confortasse. Era assim que eu entendia as relações entre nós; almas abertas, reciproca troca de pensamentos, sem segredos, sem reticencias, sem um recanto escuro...

A voz de Placido resoava com timbre aspero. Por vezes, as palavras entrecortadas escapavam-lhe dos labios quasi sibilladas.

Durante esse curto dialogo, a moça, ingenua e timida, se transformára numa attitudo de accentuada firmeza. Voltára-se, por fim, resoluta num gesto aggressivo, arquejante o seio, narinas dilatadas, labios entreabertos, cravando em Placido os bellos olhos castanhos, illuminados de extranho fulgor.

— Perdão, minha senhora — balbuciou elle, anniquillado pela fascinação daquelle olhar. Perdôe-me si errei... Seria melhor que não houvesse voltado, pouparia a nós ambos o desgosto desse desenlace inesperado.

— Inesperado?... Que queria que eu fizesse quando me diz francamente o que pensa de mamãe? Que prescindisse della para obedecer ao seu egoismo de noivo? Não, não era possivel. A esposa não se deve separar da filha, nem é justo que o amor divida assim o coração.

Houve uma pausa angustiosa: Placido aguardando submisso e ella, sobranceira, o resultado desse incidente provocado por uma miuharia, sem

que elles tivessem noção perfeita do que os arrastára a tão vexatoria situação, agrilhoados nas têas de aranha do amor-próprio; as quaes se enrijam como grilhões de bronze e dominam os mais legitimos impulsos. Hesitavam ambos no derradeiro passo definitivo para a conciliação ou para a ruptura.

— Entretanto... — suspirou Affonsina, passando as mãos crispadas pela fronte como si pretendesse afastar idéas desagradaveis — eu já o achava superior ao Joannico...

A um movimento da cabeça desata-ram-se os bellos cabellos, que lhe caíram revoltos pelas espaúas, exalando effluvíos de suave perfume.

— Entretanto.. — repetiu Placido, inebriado, absorvendo a fragrante essencia da mulher amada.

Affonsina, com um gesto de pudor, colheu os cabellos e enrolou-os presurosa no alto da cabeça, exhibindo, em attitude de caryatide, as linhas

graciosas do busto opulento, os torneados braços, desnudados pelo re-
traiamento das mangas amplas.

Uma creada trazia para a meza a terrina de sôpa fumegante.

Affonsina tomou friamente o braço de Placido e o conduziu para o salão, encontrando Joannico, que os saudou alegremente pela reconciliação, excedendo-se em rasgados elogios ao casal de dois bellos typos, feitos um para o outro.

— E você, Guimarães — accrescentou elle — não se commove com este espectáculo; não se anima a imital-os?

Guimarães sorriu desdenhoso e respondeu:

— Quem sou eu para me metter em cavallarias altas?...

A d. Amelia não passaram despercebidas as maneiras equivocas, o vexame que os dois procuravam, em vão, disfarçar. E o coração presago de mãe estremecia, na auctia de co-

uhercer o que se passára entre elles.

O jantar foi animado pela narrativa das peripecias da caçada, exaggeradas pelo Joannico, muito desvanecido da sua bravura na lucta dentro do igarapé com o veado e do appetite com que atacára o frugal almoço nas sapopembas da sumameira. Placido, ao lado da noiva, mal tocava nos quitutes preparados pela Felíciana e poucas palavras trocaram sob o olhar investigador de d. Amelia.

Apenas servido o café, Placido, pretextando fadiga, pediu licença para retirar-se. Ninguém lhe pediu para ficar. Affonsina foi, como costumava, conduzi-lo á escada e este deu-lhe a mão.

— Então?... — interrogou elle, com vóz quasi extincta.

— Não sei — murmurou a moça.

Placido soltou-lhe a custo a mão delicada, macia, e desceu como um automato.

DOMINGOS OLYMPIO

Tudo o que, acima desse nome, ficou impresso, estava feito — composto, revisto e paginado — prompto para o prélo, poucos momentos antes de elle expirar. Na typographia, para o preparo da primeira folha deste numero dos seus queridos *Annaes*, só faltava a *Chronica*, — que o nosso Amigo e Protector mandára, como já tinha o assumpto, logo na sexta-feira, vespera da sua morte.

Por isso, nada se alterou, e tudo ali vem como estava, querendo que o proprio chumbo dos typos entalhe, na quinta de hoje, como foi na de hontem, ha oito dias, o derradeiro echo da vóz que, durante dois annos, foi a vida desta casa. A sua ultima *Chronica* está allí, no mesmo logar, na mesma disposição, na mesma medida de columna, como si vivo fôsse o nosso amado Domingos Olympio, como si bulissem, para a ler, aquelles brandos olhos azues e como si palpitasse aquelle coração sem termo e como si trabalhasse aquelle espirito só agóra em descanso.

Tambem o seu nome, que era a nossa bôa luz abrindo o caminho, está no cabeçalho, entre os de dois

Amigos agradecidos, como uma illusão deliciosa, illusão de que elle ainda nos dirige, de que é ainda o director dos *Annaes*.

— Não nos cabe ir além.

Não o permittiria a saudade, não o deixaria fazer essa atrocidade que é a certeza de nunca mais o vermos, de nunca mais o termos á nossa direita, trabalhando, trabalhando sem parar, escrevendo a sua *Chronica*, a secção de *Sciencia e Industria*, os seus romances, fazendo a traducção dos artigos com que muitas vezes os *Annaes* informaram os seus leitores da opinião estrangeira. E em meio dessa tarefa, tão pontual, tão bem cumprida sempre, mais uma: a de advogado, exhaustiva, formidavel, levando-o a todos os rumos que ella aponta. Mas uma e outra levadas a cabo com aquella paz, aquelle gosto, aquelle sorriso, aquelle bem-estar, como um espirito que tudo achava facil.

— Nem nos lembramos do seu elogio.

Apenas, com os agradecimentos, que não adjectivamos, do nosso Amor, pedimos licença para transcrever as

homenagens da imprensa, além de inscrever nas columnas dos seus *Annaes* os nomes, um por um, de todos os que choraram connosco a desgraça de perdê-lo.

«A morte do dr. Domingos Olympio, fallecido hontem nesta cidade, deixou uma grande saudade no meiolitterario fluminense. No resto do paiz, em que estava sendo justamente considerado um dos melhores romancistas de costumes nacionaes que temos possuido, essa morte iuesperada será avaliada como uma perda muito consideravel para as lettras brazileiras.

Nessas duas phrases ha uma distincção que convém accentuar.

O dr. Domingos Olympio contava com a estima no Rio de Janeiro de todas as rodas de que se approximava. O fino conversador, o homem sinceramente simples, amavel, de franqueza sem excessos incommodos, o espirito culto, sagaz e ironico, que elle era, captivava os amigos e conhecidos.

Mas a sua obra litteraria, ao que parece, não produzia aqui a impressão que devia dar, conseguindo nos Es-

tados innumerados apreciadores entusiastas.

E' que esse escriptor que havia passado a sua mocidade na provincia, e nella havia formado o seu cerebro, e definido o seu temperamento de homem de letras, não era absolutamente um «desenraizado».

O sentimento da paizagem brasileira é nos seus livros de uma realidade apanhada por elle mesmo. Conhecia o nosso paiz directamente; não atravéz do olhar artificialmente complacente, na contemplação de bellezas naturaes, com que alguns escriptores nacionaes e estrangeiros descrevem as pompas do Oriente ou os encantos da natureza brasileira, do valle amazonico ou de qualquer outra região.

O seu romance *Lusia-Homem* ficará como uma das mais bellas producções da litteratura brasileira; e quem conhece o interior sabe de fonte limpa que os typos que apresenta são de um carecter essencialmente brasileiro.

E' uma descripção de costumes nacionaes, sem a invasão do snobismo; é o interior bem pouco sabido na capital do Brazil, que antigamente, ha trinta annos, tinha a illusão de conhecer as mattas virgens, lendo avidamente os poemas e novellas que appareciam sobre as diversas tribus que povoavam ha quatro seculos o littoral e os sertões.

A indifferença se váe tornando profunda no Rio de Janeiro pelas coisas verdadeiramente nossas. Passamos do exaggero em que estavamos, acreditando que o Brazil era o indio, o primitivo, o selvagem, para o desconhecimento das tradições patrias, o desamor do que constitúe o nosso character e a nossa força.

Ha nisto um mal tão grave, que vale a pena a insistencia sobre essa observação, em honra da memoria do artista, cuja morte lamentamos, aproveitando o ensejo que ella nos proporciona.

Ha quem pense que no grande cadinho de raças, que é a America, não ha lugar para o patriotismo e a sua expressão litteraria e artistica, para a constituição de nacionalidades differentes, tendo em vista as diversas patrias americanas, os costumes herdados de seus fundadores, os portuguezes, os inglezes e os hespanhóes,

e as necessidades impostas pelo seu proprio progresso, necessidades determinadas pelas condições geographicas e as transformações politicas e sociaes de cada uma.

O actual presidente dos Estados-Unidos, o sr. Theodoro Roosevelt, teve, no emtanto, muita razão quando disse que nada mais anti-americano que o odio ao estrangeiro e ao cosmopolitismo.

Afirmou assim o sr. Roosevelt que o principio basico da vida americana, a sympathia para com todas as nações e todos os homens, que para aqui trazem a sua intelligencia, a sua energia e a sua experiencia, não é incompativel com o respeito do que se fôr constituindo como o patrimonio da civilização nacional nos varios paizes americanos.

A litteratura brasileira váe perdendo o gosto pelos assumptos caracteristicamente brasileiros de que o sr. Domingos Olympio deu tão boas provas nos seus trabalhos litterarios.

No seu ultimo romance publicado, *O Almirante*, o sr. Domingos Olympio estudou a vida da cidade, com os melhores tons que faziam agradar tanto os romances de José de Alencar, que tratavam da vida do Rio ou das fazendas, com esses traços de sentimentalismo que pódem não agradar aos leitores assiduos de outras litteraturas, mas que são e serão bem nossos, si quizermos ou não.

Não sendo possivel afastar os limites dessa simples noticia biographica, damos abaixo algumas notas sobre a vida do illustre morto de hontem.

Domingos Olympio Braga Cavalcanti nasceu em Sobral, Ceará, a 18 de setembro de 1850.

Formou-se em Direito no Recife, em 1873.

Ahi escreveu diversos ensaios dramaticos, a que allude Sylvio Romero no prefacio de um livro sobre o theatro.

Voltando ao Ceará, de lá saíu em 1879, indo residir no Pará, onde advogou, obtendo grande exito na tribuna judiciaria.

Em Belém redigiu o *Diario do Grão Pará* e *A Provincia*.

Na imprensa e na Assembléa Pro-

vincial fez a propaganda de idéas republicanas.

Em 1891 mudou-se para o Rio, onde escreveu no *Correio do Povo*, n' *O Pais*, no *Correio Mercantil* e n' *O Commercio*.

As suas chronicas, assignadas com os pseudonymos de *Pojucan* e *Jaybara*, eram muito apreciadas.

Ha dois annos creou aqui um semanario, *Os Annaes*, que firmou solido credito, sendo muito espallado no Rio e nos Estados.

O seu fallecimento se deu na antevespera do 2º anniversario dessa publicação.

Além do romance *Lusia-Homem*, publicou n' *Os Annaes* *O Almirante* e parte d' *O Uirapurú*. Deixa inéditos *O Negro*, romance de costumes cariócas, um ontro de costumes pernambucanos, quasi concluida a *Historia da Missão de Washington*, de que fez parte, e a comedia *Domitilia*.

Como advogado foi vencedor, por parte do Amazonas, na questão de limites deste Estado com o de Matto-Grosso.

Domingos Olympio, hontem, ás 7 horas da manhã, foi accomettido de um insulto apoplectico, vindo a fallecer ás 3 horas da tarde, victima de uma embolia cerebral.

O seu enterro sáe hoje, ás 4 horas da tarde, da rua D. Luiza para o cemiterio de S. João Baptista.»

(Do *Jornal do Commercio*, de 7).

«As letras brasileiras perderam hontem um dos seus mais eminentes cultores. Não sendo dos nossos escriptores de maior popularidade, era o dr. Domingos Olympio, que hontem falleceu, uma das mais fortes, distinctas, acabadas organizações litterarias do nosso paiz.

Advogado de nomeada, chronista, articulista, romancista, dramaturgo, o illustre escriptor, com as multiplas actividades e occupações de seus varios officios, não prejudicou nenhuma dellas e deixa uma obra formidavel, que infelizmente não é tão conhecida, tão amplamente vulgarizada, quanto sua superioridade o exigia.

Nas chronicas, seu estylo era inconfundival. Leve, gracioso, era ao mesmo tempo profundo, philosophico,

sabio. Era um attico. E dos nossos chronistas foi dos mais sérios, dos mais essencialmente prosadores. Esse character de raciocinio, logica, verdade entre as graças poeticas, exigidas pelo genero, destaca o dr. Domingos Olympio na historia do nosso jornalismo.

Mas não era sómente chronista. Era um articulista vigoroso, transbordante de enthusiasmo, sob uma fórma impecavel, calma e serena. Desde os jornaes do Pará, onde começou a sua carreira jornalística, até os artigos celebres do *Paiz*, do *Commercio* e dos *Annaes*, sua alta orientação politica, seu criterio scintillante agradaram, emocionaram e fizeram pensar.

Sua obra imperecível não se limitára, entretanto, aos seus escriptos nos jornaes. Os romances que publicou e os romances que deixou inéditos, fórman uma obra inconfundível e formidável.

Luzia-Homem foi seu romance celebre. Alcançou merecido successo. Fez epocha no Brazil. Moveu, agitou nosso acanhado meio litterario. E' um romance magnifico. Num estylo forte e colorido, o dr. Domingos Olympio descreveu nellé, com extraordinaria intensidade, scenas do sertão do Ceará. Outros romances escreveu, entretanto. Ainda ha pouco terminavam os *Annaes* a publicação do *Almirante*.

Fez parte da missão brazileira em Washington e lá trabalhou com o sr. Rio Branco, no arbitramento da questão das Missões.

O dr. Domingos Olympio apparentava perfeita saúde. Leve, elegante, sempre bem trajado, com seus modos discretos e britannicos, vivia preocupado com seus trabalhos litterarios, atarefado com sua advocacia crescente e brilhante e com a direcção dos *Annaes*. Ainda ha dias obtivera um grande triumpho de advogado e, satisfeito com esse triumpho, parecia feliz.

No seu lar meigo, de que elle só por affazeres se afastava, a tranquillidade e a felicidade reinavam. Sereno, amavel, bom, o dr. Domingos Olympio exultava com a victoria que conseguia como advogado, porque salvava amigos seus...

Hontem, ás 9 horas da manhã, entre aquella felicidade toda, sentiu o primeiro insulto. Caía desacordado. E, em estado comatoso, ficou até ás 3 horas da tarde, quando morreu. Todos os esforços do seu illustre medico, o dr. Chapot Prévost, fôram impotentes.

**

O dr. Domingos Olympio de Braga Cavalcanti nasceu a 18 de setembro de 1850 na cidade do Sobral, Ceará.

Na sua primeira mocidade, naquella cidade de provincia, escreveu varios dramas e comedias. Começou ahí seu tirocinio litterario.

Formou-se em Direito, em Recife, em 1873. Voltou depois á sua cidade natal, onde advogou e de que foi promotor. De Sobral passou para a promotoria de Fortaleza.

Mas aquelle meio, então acanhado, não permittia a expansão do seu espirito. Convidado para fixar residencia no Pará, para lá partiu, em 1879. Trabalhou immenso no Pará. Conquistou lá justa fama de advogado e jornalista. Redigiu o *Diario do Grão Pará* e a *Provincia*. Jornalista de influencia, deputado á Assembléa Provincial depois, foi um incansavel propagandista da Republica. E, por seu prestigio e raro talento, muito contribuiu para o estabelecimento do regimen democratico no Pará.

Em 1891, veio para o Rio. Aqui, com a fama que do norte trazia, conquistou, em pouco tempo, no fôro e na imprensa, um nome admirado e respeitado. Foi advogado do Amazonas, na celebre questão de limites com Matto-Grosso. Escreveu no *Correio do Povo*, no *Paiz*, no *Commercio*, no *Correio Mercantil* e em outros jornaes.

Nesta folha, suas chronicas semanais, assignadas *Pojucan*, despertaram immenso interesse e constituíam um dos maiores successos jornalísticos destes ultimos tempos.

Ha dois annos fundou, com o sr. Walfrido Ribeiro, um excellente semanario litterato *Os Annaes*, no qual publicou seu romance *O Almirante*.

Os Annaes estão publicando agóra *O Uirapurú*, romance de costumes paraenses.

Além dessas obras, o dr. Domingos

Olympio deixa inéditos dois romances *O Negro*, onde descreveu a vida carioca, e outro de costumes pernambucanos, e a *Historia da Missão de Washington*, que está quasi completa.

— O enterramento do illustre homem de letras será feito hoje, ás 4 horas da tarde, saíndo o feretro da rua D. Luiza n. 12 para o cemiterio de S. João Baptista.»

(D' *O Paiz*, de 7).

«Victimado por embolia cerebral, falleceu hontem, ás 3 horas da tarde, o dr. Domingos Olympio.

O finado era um homem illustrado, de superior merecimento.

Nasceu em Sobral, no Estado do Ceará, a 18 de setembro de 1850, e formou-se em direito, pela Faculdade do Recife, em 1873.

Durante todo o seu tirocinio academico, que foi brilhante, escreveu dramas e comedias, representados no Recife por muitos de seus então collegas, hoje deputados, magistrados, etc.

Dentre as producções theatraes que fórman sua bagagem litteraria, nesse genero, merece justo destaque a comedia historica em tres actos, *Domitilia*, inédita, e tendo por assumpto a Independencia do Brazil.

Esse trabalho, assim como outros, de incontestavel valor, constituem a sagração do seu talento, nesse ingrato ramo de litteratura.

Na carreira das letras jurídicas, não se tornou menos saliente o dr. Domingos Olympio.

Foi no Pará, principalmente, para onde transferiu sua residencia em 1879, que sua acção na advocacia se tornou mais notoria.

Foi naquelle Estado do extremo norte do paiz que elle começou sua vida jornalística, redigindo a *Provincia* e o *Diario do Grão Pará*.

Neste ultimo, o extincto prégou a Republica, com o ardor de um evangelizador, sem desfallecimentos, idéal politico que defendeu tambem ainda com mais vigor do que da imprensa, da tribuna da Assembléa provincial.

Em 1890, veio para o Rio, onde collaborou no *Correio do Povo*, *O Commercio*, *Correio Mercantil* e *Correio da Manhã*.

Atravéz das columnas desses jornaes, no mourejar continuo de um trabalhador indefesso, o dr. Domingos Olympio não fez mais do que deixar evidenciado o quanto póde a força de vontade, secundada pelo merito e pela dedicação ás causas nobres.

Posteriormente, ha dois annos, fundou os *Annaes*, scintillante revista que é o mais eloquente attestado de sua tenacidade e de seu notavel espirito emprehendedor.

Como chronista, uzava o pseudonymo de *Pojucan*, no *Correio* e nos *Annaes*, e o de *Jaybara*, no *Commercio* e no *Correio Mercantil*.

Foi um dos membros da missão, especial de Washington, onde, juntamente com o barão do Rio Branco, propugnou pela victoria do Brazil na questão das Missões.

O historico dos trabalhos dessa commissão, o dr. Domingos Olympio deixou quasi ultimado.

Tambem deixou quasi concluidos o romance *O Negro*, de costumes cariocas, e um outro de costumes pernambucanos.

Como romancista, tem a illustrar seu nome, com brilho egual ao conquistado pelas outras faces de sua notavel mentalidade, o *Lusia-Homem* e *O Almirante*, este ultimo publicado nos *Annaes*, onde ainda estava escrevendo *O Uirapurú*, de costumes paraenses.

Ainda ha poucos dias, o dr. Domingos Olympio venceu, perante o Supremo Tribunal Federal, a questão em que eram implicados os irmãos Paes, indiciados auctores do ultimo roubo na Casa da Moéda.

Foi o advogado victorioso do Amazonas na questão de limites, levantada ha dez annos, entre aquelle Estado e o de Matto-Grosso.

O dr. Domingos Olympio era casado em segundas nupcias.

Do primeiro casamento, deixou uma filha, casada com seu irmão, major dr. Felinto Alcino, delegado do Estado-Maior junto á divisão de manobras em Santa Cruz.

Do segundo casamento, deixou cinco filhos menores.

Ultimamente, sua principal campanha, como jornalista, foi o combate, dado sem treguas, á politica dos governadores, instituida pelo dr. Cam-

pos Salles, quando presidente da Republica.

Em todo o territorio nacional, echoaram as notas vibrantes dessa vigorosa campanha.

Como se desprehe de desses rapidos dados biographicos, escriptos a largos traços, o dr. Domingos Olympio, succumbindo aos 56 annos de idade, deixou de sua passagem pela vida memoria inesquecivel e saudades immorredouras, como um bom e um forte que foi.

Registrando com verdadeira magua o desaparecimento do notavel homem de letras, prestamos, nas ligeiras linhas acima, o tributo sincero de nosso respeito e de nossa admiração a quem tanto áquelle e a esta se soube impôr no seio da sociedade carioca e na communhão brazileira.

Seu enterro sairá hoje, ás 4 horas da tarde, da rua D. Luiza n. 12, para o cemiterio de S. João Baptista.»

(Do *Correio da Manhã*, de 7).

* *

«De chofre, inesperadamente, a um desses assaltos covardes da morte, acaba de succumbir a rija fibratura desse combatente ousado, cujo nome epigrapha estas linhas.

No pleno vigor apparente, dessa fingida saúde que elle ostentava, a devastação do morbus chronico, avançando surdamente e auxiliado por esse dispendio forte de euergias enormes que elle diariamente fazia, preparou-se o golpe inesperado e tragico que simultaneamente rouba á imprensa um jornalista de pulso, á nossa litteratura um operoso trabalhador para o qual agóra chegava a hora serena da exclusive dedicação.

Nesse duplo aspecto, mais violentamente accentuado nesses ultimos annos da sua vida publica, é que a figura de Domingos Olympio apparecerá, ao ser traçado o seu perfil biographico sobre a culminancia desse ultimo estadio e que se hão de fixar os pontos para a triangulação da sua obra.

Jornalista impetuoso e ardente, a sua penna guardava resaios nitidos de uma juventude imprevista, recordação involuntaria, talvez, da sua phase de academico.

E nessa phase, o seu nome ligou-se

estritamente, de um modo tão accentuado que, na geração que o acompanhou, nessa doce travessia, ficará brilhando como o nitido fulgor que aureola sempre as personalidades definidas e os espiritos de eleição.

A sua vida jornalística terá esse cunho de brilhantismo de juvenildade, apesar do accentuado bom senso e de todo o pezo com que o seu alto criterio sabia revestir os seus trabalhos, e, junto ao sadio *humour* com que elle os sublinhava, constituirão o traço característico da sua prosa scintillante e forte.

O nome de *Pojucan* ficará nos uossos annaes de imprensa como de um dos nossos chronistas politicos de mais fino espirito e de uma não pequena popularidade.

Agóra mesmo nos *Annaes*, que elle superiormente dirigia, traços indiscutíveis desse brilhantismo de estylo vão ficar consignados.

Na esphera da litteratura o seu ultimo romance publicado, o *Lusia, Homem*, teve retumbante successo que, claramente, indicou o seu nome a uma candidatura á Academia de Letras, que infelizmente não se fez realidade, e nos *Annaes* ultimava elle um outro, o *Almirante*, ao qual parecia aguardar egual destino.

Mas o traço mais bello de tão nobre espirito, aquelle que, a despeito de tudo, fulgurará, como o seu mais nobre feito, será esse ardor e empenho com que elle militou na campanha abolicionista, onde dir-se-ia que o animo libertario de filho da Terra da Luz mais o atirava para a luminosa conquista dos titulos de benemerencia que o hão de impôr á patria e á humanidade.

* *

O dr. Domingos Olympio falleceu na idade de 58 annos, era natural do Estado do Ceará, onde fez todo o seu curso de preparatorios no qual revelou grande talento.

Depois o illustre homem de letras partiu para o Estado de Pernambuco, onde se formou na Faculdade de Direito do Recife, em 1872.

Pouco tempo depois de formado, voltou á sua terra natal, onde esteve advogando por espaço de alguns annos, tendo sido promotor publico de

1874 a 1878, servindo com os juizes drs. Nogueira Accioly, então juiz substituto de Fortaleza, e o senador Paula Pessoa, então juiz de direito de Sobral.

Neste cargo recebeu o dr. Domingos Olympio provas significativas de amizade pelo seu proceder na carreira que abraçava, embora fôsem esses juizes seus adversarios politicos por ser o morto filiado ao partido conserador.

Depois transportou-se para o Estado do Pará, onde exerceu advocacia durante o periodo de quatorze annos.

Ahi o dr. Domingos Olympio collaborou na imprensa e foi ardente abolicionista, não só na cidade de Belém, como no Estado do Amazonas, onde foi companheiro do dr. Theodoro Souto, nesta campanha.

Poucos annos depois veio para o Rio de Janeiro, e foi então nomeado secretário da Missão Rio Branco em Washington, onde serviu ao lado dos srs. general Dionysio Cerqueira e dos drs. Domicio da Gama e Olyntho de Magalhães.

Tempos depois, o illustre finado voltou ao Rio de Janeiro, entregando-se á advocacia, collaborando tambem n' *O Paiz*, fundando depois o *Commercio* e ultimamente *Os Annaes*:

O illustre jornalista escreveu os seguintes romances: *Luzia-Homem*, *O Almirante*, em folhetins n' *Os Annaes*, onde ultimamente estava publicando o *Virapuru*, romance paraense.

Publicou diversos contos com os quaes pretendia reunir um livro, e deixou ainda em autographo dois romances e um drama historico dos tempos de d. Pedro I, com o qual pretendia concorrer ao concurso para primeira peça a representar-se no Theatro Municipal.

Ultimamente o distincto advogado conseguiu no Supremo Tribunal Federal a absolvição dos irmãos Paes, ex-thezoureiros da Casa da Moeda.

No fóro civil, o dr. Domingos Olympio conquistou varios triumphos, entre os quaes a victoria do Estado do Amazonas, na questão de limites com o Estado de Matto-Grosso.

O dr. Domingos Olympio foi cazado em primeiras nupcias com a exma.

sra. d. Adelaide Ribeiro Cavalcanti, de cujo matrimonio deixa uma filha cazada com o major Felinto Cavalcanti, e em segundas nupcias era cazado com a exma. sra. d. Anna Torres Cavalcanti, de cujo matrimonio deixa cinco filhos menores, de nomes Domingos, Alberto, Martha, Violeta e Laura.

Era o finado cunhado do general Dionysio de Cerqueira, do dr. Braga Torres, do deputado Joaquim Cruz e do major Braga Torres.

O seu enterramento terá logar hoje, ás 4 horas da tarde, saindo o feretro de sua residencia á rua D. Luiza n. 12, para o cemiterio de S. João Baptista.

(Da *Gazeta de Noticias*, de 7).

* *

«A noticia da morte do dr. Domingos Olympio surprehendeu hontem, dolorosamente, não sómente áquelles que militam na imprensa, mas a todos que o conheciam e sabiam quanto se poderia ainda esperar de seu talento e preparo.

Notavel homem de letras, o dr. Domingos Olympio foi advogado, jornalista, historiador, romancista e comediographo.

Sua vida foi toda de trabalho e cada trabalho assignalou-lhe um triumpho na carreira em que tanto se distinguui.

Nada fazia prever que estivesse tão proximo da morte, porque ainda na vespera, viram-n'o alegremente entregue aos seus affazeres.

Hontem, porém, ás 7 horas da manhã, quando se preparava para os seus trabalhos de gabinete, foi victima de um insulto cerebral.

Immediatamente chamados os drs. Chapot Prévost, lente da Faculdade de Medicina; Alberto Rodrigues e Antonio Dionysio, fôram-lhe ministrados promptos soccorros, mas ás 9 horas entrou em estado comatoso, que se prolongou durante grande parte do dia, e ás 3 horas da tarde era cadaver.

Quando entrámos na sala de visitas, transformada em camara ardente, o corpo do mallogrado escriptor achava-se vestido de casaca, collocado sobre uma rica eça ladeada por seis tocheiros, tendo á cabeceira a Imagem do Nazareno com tres cirios de cada lado.

Seu rosto parecia mais de um adormecido do que de um morto: as feições conservaram-se-lhe inalteradas.

Toda casa estava cheia de amigos, pessoas de sua familia e distinctas ontras familias.

Nascido em Sobral, Estado do Ceará, a 18 de setembro de 1850, o finado fez em seu torrão natal o curso de humanidades e seguiu para o Recife, onde se formou em Direito.

Durante a sua vida academica militou na imprensa e escreveu varios dramas e comedias.

Regressando ao Ceará, foi nomeado promotor publico de Sobral, indo mais tarde desempenhar esse cargo na Fortaleza.

Em 1879, mudou-se para o Pará, onde defendeu valentemente os seus patricios emigrados.

Na *Provincia* e no *Grão Pará* deixou firmada a sua reputação de jornalista.

Dentro em pouco tempo, a Assembléa Provincial contava-o em seu seio, onde prestou reaes serviços á antiga Provincia.

Em 1891 mudou-se para o Rio de Janeiro, assumindo a chefia do *Correio do Povo*, onde esteve até que esse jornal passou a denominar-se *Combate*.

Foi redactor d' *O Paiz* e do *Correio Mercantil* e, ha dois annos, fundou a revista *Os Annaes*, cujo 2º anniversario deverá festejar amanhã.

Uzava os pseudonymos de *Pojucan* e *Jaybara*.

Publicou os romances *Luzia-Homem* e *O Almirante*, tendo ha pouco começado a publicação de um outro intitulado *O Virapuru*, no qual estudava os costumes paraenses.

Inéditos, deixou a *Historia da Missão Especial de Washington*, da qual foi membro; *Domitilia*, comedia em 3 actos, dos tempos da Independencia; o *O Negro*, como *O Almirante*, de costumes cariócas e um outro ainda de costumes pernambucanos.

Foi advogado do Estado de Amazonas na questão de limites com o de Matto-Grosso e ainda ha pouco, no Supremo Tribunal Federal, conseguiu a absolvição dos implicados no desfalque de cinco mil contos na Casa da Moeda.

Contava 56 annos, era casado em segundas nupcias com a exma. sra. d. Anna Braga Cavalcanti e deixou

cinco filhos menores, dos quaes um com 4 annos.

A' noite, velavam o cadaver, além das pessôas da familia, o dr. Dias de Barros, dr. Jayme Lisbôa, familia Braga Torres, Walfrido Ribeiro, secretario dos *Annaes*, dr. Durão, familia do deputado Joaquim Cruz, dr. Paula Pessôa, dr. Arthur Vianna, capitão Rodrigues Junior, dr. João Dwyer, official de gabinete do sr. ministro da Industria, major dr. Benjamin Barroso, os directores das Loterias dos Estados, de que o finado era advogado desde o seu inicio.

O enterro realiza-se hoje, ás 4 horas da tarde, saíndo o feretro da rua Senador Candido Mendes, antiga D. Luiza, n. 12, para o cemiterio de S. João Baptista.»

(Do *Jornal do Brazil*, de 7)

* *

«Acabou-se. A ultima pá de terra desceu hontem sobre o caixão que encerra o corpo inerte de Domingos Olympio, e a poderosa cerebração que fulgurou no romance, no conto, na chronica, no artigo politico, na satyra cortante, desfaz-se agóra na sombra humida de um carneiro do cemiterio de S. João Baptista. De *Pojucan*, do magnifico narrador do *Luzia-Homem*, existe apenas a dolorosa lembrança de um grande talento desaparecido.

O enterramento de Domingos Olympio realizou-se hontem, á tarde, tendo o feretro saído, com extraordinario acompanhamento, ás 4.15, da rua D. Luiza, n. 12.

Desde 3 horas que a sala de visitas da residencia, que foi do illustre escriptor, convertida em camara ardente, se enchia de amigos, familias e cavalheiros, que iam velar-lhe os ultimos instantes de repouso no lar. Pezados pannejamentos negros, bordados a ouro, cobriam as paredes, estando armado ao fundo da sala num pequeno altar, onde duas vélas ardião aos lados de uma imagem do Crucificado. Ao centro, sobre uma eça, em um caixão de damasco, egualmente bordado, dormia para sempre Domingos Olympio. A morte não lhe decompozera as feições, e o affectivo pensador do *Hydromel* repou-

zava serenamente, como depois do causaço de uma vigilia fecunda. Não fôra a armação funebre e o pequeno crucifixo, que lhe prenderam nas mãos, e não se diria morto.

A piedade do lar, o affecto dos sens, encheram-lhe completamente o caixão de flôres; o seu vulto desapparecia quasi entre as flôres que tanto amára, que o cercavam de todo, que o cobriam quasi, deixando apenas bem destacada a bella e vigorosa cabeça. Pelo lado de fóra do caixão, pregaram ainda pequeninos ramos.

Pelas paredes penduravam-se as corôas e grinaldas, que a homenagem dos que o prezavam havia trazido; eram numerosas, grande parte dellas de flôres naturaes.

Diversas senhoras, tomadas de uma grande dôr silenciosa, olhos razos d'agua, ladeavam o caixão.

A's 4 horas, a sala, a escada, o pequeno jardim, estavam cheios de amigos, que vinham para acompanhar Domingos Olympio na derradeira viagem. Teve então logar a encomendação do corpo, feita pelo padre F. Barros, e, finda esta, houve o signal para o saímento.

Não se pôde descrever o que foi a commovente despedida da familia desse que soube juntar a um espirito de escól um coração amantissimo e que era retribuido com juro dos affectos que prodigalizava. O ultimo adeus dos seus foi pungentissimo, chocando dolorosamente a todos a despedida da velha mãe, veneranda senhora octogenaria, a beijar convulsamente, sem um grito, a cabeça do filho bem amado. As lagrimas vieram aos olhos dos mais fortes.

Pouco depois, partia o prestito funebre, caminho de S. João Baptista, com um acompanhamento de cerca de setenta carros. Todas as classes, desde a alta magistratura federal e os altos postos da força armada, estiveram numerosamente representadas no saímento do illustre escriptor e jurista. Da imprensa estavam Eduardo Salamonde, da *Tribuna*, e Lindolpho Azevedo, desta folha; do nosso meio litterario vimos Nestor Victor, Frota Pessôa e Walfrido Ribeiro, dos *Annaes*, todos amigos de Domingos Olympio.

Esperaram o corpo no cemiterio,

Guimaraens Passos, Henrique Hollanda e Placido Junior, da *Tribuna*. Victor Viana fez-se representar.

No cemiterio, ao baixar o caixão, falaram o dr. Belisario Tavora, em nome do Ceará, e o revmo. padre Antonio Lyra, amigo de infancia do romancista do *Uirapurú*, terminando o sacerdote a sua commovida oração por pedir que o acompanhassem na prece que fazia pelo morto.»

(Do *Paiz*, de 8).

* *

O enterro do nosso Director teve um acompanhamento extraordinario e, como disse um jornal, um dos maiores de que se tem noticia entre nós.

— Corôas :

Saudades de sua esposa e filhos, Saudades de Dionysio Cerqueira e familia, Saudades de Marianninha e filhos, Saudades do Dr. Olyntho de Magalhães e esposa, Ao querido mestre, o pessoal da Loteria Esperança; Da familia Chapot, Lembranças de Julinha e Juca, Tributo de gratidão da Directoria das Loterias dos Estados, Ao Dr. Domingos Olympio, a familia Campello; Saudades do Conselho Fiscal da Companhia Loterias dos Estados, Saudades de sua mãe, Saudades de sua filha Guiomar, Saudades dos seus irmãos, Gratidão de Antonio Paes e sua familia, Saudades de seu cuñado Cruz, Saudades de Marocas e Benjamin.

— O nosso secretario depoz sobre o tumulo do seu Amigo uma corôa de flôres naturaes, com estes dizeres: — *Ao meu maior Amigo, saudades do Walfrido.*

* *

«Deus só uos concede o favor da vida, si é a vida um favor, a troco de vermos cair constantemente, em volta de nós, fulminados pela morte, parentes, amigos e conhecidos. Quando chegamos ao cume da montanha da vida, isto é, quando transpomos o meio seculo, temos visto cair tantos, tantos, que nos habituamos a essa devastação humana e perdemos dois terços da nossa antiga sensibilidade.

O spectaculo continuo da morte, pelo menos, tem a vantagem de nos familiarizar com ella, dando-nos serenidade precisa para esperar que

levemos tambem o nosso empurrão, e caíamos, como caíram os outros, como todos hão de cair, quer queiram, quer não queiram.

Ante-hontem, perdi um companheiro de muitos annos; hontem, abrindo o *Paiz*, a primeira noticia que me feriu os olhos, foi a do fallecimento de Domingos Olympio, outro velho camarada.

*

Toda aquella philosophia barata veio alli para dizer que aos vinte e cinco annos esses dois golpes successivos me fariam derramar abundantes lagrimas, e me encheriam de pavor; aos cincoenta, apenas me entristecem pela idéa de que nunca mais verei dois homens que me penhoravam com a estima; tenho mais pena, talvez, das viúvas e dos filhos, que ahi ficam chorando um amor que não se substitue, mergulhados em uma dôr, para a qual não haveria termo, si o tempo não se incumbisse, generosamente, de transformal-a em um sentimento mais supportavel.

*

Foi na officina de trabalho, na redacção do *Correio do Povo* e depois na do *Paiz*, que conheci, de perto, Domingos Olympio, e apreciei todas as excellencias do seu talento e do seu character.

Ultimamente, com o apparecimento da sua victoriosa *Luzia-Homem*, e a publicação dos *Annaes*, se lhe reacendera mais impetuoso que nunca o ardor litterario, na idade em que, por via de regra, os homens de letras no Brazil prezam descançar, muitas vezes, de não terem feito coisa alguma; por isso, eu suppunha-o apparelhado para viver muitos annos.

E estava. E' verdade que nos ultimos tempos, Domingos Olympio envelhecera physicamente, parecendo até mais velho do que na realidade era; mas o que o matou foi, como se viu, o excesso de vida. Sabe Deus os serviços que esse trabalhador poderia ainda prestar á litteratura, isto é, á civilisação brasileira!

ARTHUR AZEVEDO.

(Do *Paiz*, de 8.)

**

«Domingos Olympio teve a morte subita e épica das grandes arvores,

que o raio fulmina em plena pompa e em plena gloria, — quando estão dando a sua melhor sombra e os seus melhores fructos.

Aquelle bello espirito estava na sazão fecunda que produz as mais ricas e as mais fortes creações. A sua actividade era agóra phenomenal. Dirigia os *Annaes*, escrevia a *Chronica Politica* dessa revista, revia um romance: *O Almirante*, publicava outro: *O Uirapuru*, preparava a *Historia da Missão de Washington*, — e advogava: ainda na vespera da morte, alcançará uma victoria no Supremo Tribunal. Mas todo esse trabalho formidavel ainda não satisfazia a sua actividade mental; Domingos Olympio era dos que, como diz o povo, descançam carregando pedra: os seus momentos de repouso e de recreio, nos poucos minutos que podia dedicar ao convívio dos amigos, eram ainda períodos de producção intellectual: a sua conversação era um maravilhoso tecido de imaginação, de analyse, de critica, um fogo de vistas, do qual rebentavam anedotas e invenções que eram verdadeiras creações litterarias.

O alegre, o expansivo, o bom, o amado *Pojucan* possuia, como ninguem, todos os segredos dessa difficil e admiravel «arte de conversar», que Théophile Gautier tintia como a mais admiravel e difficil de todas as artes. Onvil-o, era realmente um prazer artistico: a sua ironia era sem maldade, as suas invenções eram de uma innocencia angelica, e ninguem sabia como elle salientar um defeito sem offender o defeituoso e rir de uma vaidade sem maguar o vaidoso.

Neste momento, em que ainda não vim a mim do maguado espanto em que me deixou a sua morte repentina, — é esse o Domingos Olympio que está aqui vivendo na minha saudade: o Domingos Olympio intimo, o homem, o companheiro e o amigo cuja convivencia foi um dos maiores encantos da minha vida litteraria.

Do escriptor, do homem de letras, nada se pôde dizer que o publico já não saiba: a publicação da *Luzia-Homem* foi um tão bello e ruidoso triumpho, que esse livro forte, humano, e profundamente «nacional» deu ao auctor, em todo o Brazil, uma celebridade, que perdurará, emquanto fôr-

mos um povo, e emquanto tivermos uma litteratura.

O homem de letras continúa a viver. Mas quem nos dará mais, daqui por deante, o nosso Domingos Olympio «homem», tão affável, tão simples, tão carinhoso, cuja palestra era um tão requintado prazer para o nosso ouvido, e cuja alegre, communicativa e intelligente bondade era um tão grande consolo para a nossa alma?

Ainda a ultima vez que estive com elle, numa esquina de rua, num encontro com elle, taes coisas me disse e narrou, rapido, aquella frescura de imaginação e aquella precisão de colorido tão suas, — que saí dalli deliciado, admirando a mocidade persistente daquelle homem de 56 annos.

E lá se foi a mocidade, lá se foi o brilho, lá se foi toda a palpitação daquelle nobre vida! O raio desceu subitaneo, — a grande arvore caiu, esplendida, cheia de flôres, de fructos, e de ninhos. — OLAVO BILAC.

(Da *Noticia* de 8)

**

«Quando fechavamos a *Tribuna* no sabbado, mal podiamos suppor que aquella hora de tanta vida, tanta alacridade nas ruas, bem perto de todos nós se extinguia o dr. Domingos Olympio, a pequeno intervallo da enfermidade que o abateu, com a mesma facilidade com que o vendaval desarraiza e lança por terra o cedro colosso tantas vezes insensivel ás tempestades.

Tinhamos visto o bom e leal companheiro um dia antes, aparentemente vigoroso, tocado como sempre daquelle bom humor que era o traço de sua juventude perenne, velho-moço encantando pela frescura da palavra, pelo acerto do conceito, denunciando uma cerebração que não se fatigava, um raciocinio e um fulgor intellectual que dia a dia mais refinavam á meza do trabalho e do estudo.

E ahi estava agóra a morte a tudo desfazer e auniqueillar, separando as letras patrias do convívio desse trabalhador emerito, a tribuna judiciaria de um de seus legitimos representantes pela fé e pela crença na verdade da lei e na pureza do direito alheio, a imprensa de um jornalista de forte

envergadura, talhado para todas as columnas, de molde e feição ajustados a todos os assumptos e a todos os segredos da profissão, á qual deu o melhor de sua mocidade e de suas energias.

No nosso pensamento e na nossa alma, esse trespassse, assim brusco e assim inesperado, vibrou talvez como em nenhum outro jornalista, tanto estavamos ligados ao dr. Domingos Olympio, de tão longe vinham as nossas relações, a nossa camaradagem, lado a lado na imprensa paraense, onde rebrilhou vigorosa e persistente a sua penna abolicionista, onde fortemente, nos comícios populares, echoou eloquente a sua palavra cheia de encantadores matizes, bordada de argumentos convincentes, prégando pela redempção dos negros, apostolando pela sua liberdade na colonia Benevides, o primeiro lugar que alli se despiu da macula hedionda, que o Ceará, sua terra, já havia apagado, entre hymnos e flôres, pela força da vontade, pela deliberação unanime do seu povo, desde o jangadeiro aos senhores do eito.

E desse Domingos Olympio que tanto trabalhou, que tanto illustrou o jornalismo e as letras de sua terra, que tanto dignificou o seu bacharelado, tão amoroso para os seus, tão fugitivo ao orgulho, tão propenso á modestia, não restam sinão a saudade e o apreço á sua memoria, symbolizados na hora derradeira, quando todo o jornalismo o pranteou, e ao baixar o seu corpo ao tumulo, rodeado de um numero grande de amigos, dando idéa do muito affecto que se lhe dedicava e do muito que elle nos merecia.

A Tribuna, rendendo homenagem ao talento do escriptor succumbido e ao companheiro de tanto annos de labuta, esteve representada no saímento pelos nossos collegas Eduardo Salamonde e Placido Junior.»

(*D'A Tribuna*, de 8).

* *

«Sabbado, ás 3 horas da tarde, na idade de 56 annos, falleceu quasi repentinamente, o dr. Domingos Olympio Braga Cavalcanti, um dos melhores ornamentos do nosso fóro e uma das figuras mais notaveis do

nosso meio jornalístico e litterario.

Natural do Ceará, formou-se na Faculdade de Direito do Recife, e ahí revelou o seu bello e vigoroso espirito, quer como estudante quer como jornalista e litterato.

Fixando-se no Pará em 1879, assumiu uma brilhante posição na imprensa, como redactor da *Provincia* e *Diario do Grão Pará*.

A esse tempo assolava a grande secca, que se prolongou de 1877 a 1879, e merece ser lembrada a attitudde de Domingos Olympio, que se fez protector dos seus conterraneos que emigravam aos milhares para a Amazonia, fugindo ao tremendo flagello. Nessa piedosa tarefa, o illustre filho do Ceará poz em contribuição todos os recursos da sua actividade e todos os extremos de sua alma generosa.

Desde 1890 residia nesta capital, onde collaborou no *Correio do Povo*, no *Pais*, no *Correio Mercantil* e no *Correio da Manhã*.

Ha dois annos fundou com Walfrido Ribeiro a bella revista os *Annaes*, a que consagrava ultimamente toda a sua actividade intellectual.

Temperamento eminentemente litterario, Domingos Olympio se manteve por muito tempo num dilettantismo descuidoso, e só nestes ultimos tempos começára, a instancias de amigos, a pôr em execução as suas concepções de escriptor, sendo o bello e vigoroso romance *Luzia-Homem* o primeiro e brilhante marco que elle assentou na sua carreira.

Muitos outros trabalhos tinha elle entre as mãos: romances, peças de theatro e novellas, entre os quaes *O Almirante*, romance que estava sendo publicado nos *Annaes*.

Como chronista, Domingos Olympio, póde-se dizer, não tinha rival em nossa imprensa: sob os pseudonymos de *Jaybara* e *Pojucan*, elle espalhou na imprensa diaria e ultimamente nos *Annaes* centenas de chronicas de uma satyra fina e levemente caustica, de um chiste e de um lavor de phrase incomparaveis.

Como homem publico e como advogado, a vida do illustre morto está cheia de factos que honram a sua capacidade e o seu character.

Serviu como secretario do barão do

Rio Branco, na commissão que nos disputou a posse das Missões perante o arbitro de Washington.

A sua carreira como advogado está assignalada por brilhantes triumphos no fóro.

Cazado em segundas nupcias, deixa de ambas uma numerosa prole, que, como patrimonio, guarda apenas o seu nome honesto e laureado.

Domingos Olympio era um grande coração, um espirito vigoroso, um companheiro encantador, uma figura, emfim, que desapareceu, deixando, em torno do lugar que occupava na vida, muito affecto, muita saudade e muita admiração.

Seu enterro, effectuado hontem, ás 4 horas da tarde, no cemiterio de S. João Baptista, teve numerozo acompanhamento de pessoas das mais gradadas da nossa sociedade.

O Seculo se associa de coração ao profundo pezar de sua exma. familia e de toda a sociedade carioca, onde o illustre finado gozava de grande estima e profundas sympathias.»

(*Do Seculo*, de 8).

* *

«Não pertence mais ao numero dos vivos o dr. Domingos Olympio, distincto escriptor e jornalista, que tanto enriqueceu a nossa litteratura com as producções de seu bello talento.

A sua morte subita, inesperada, ante-hontem á tarde, repercutiu no circulo de seus amigos e admiradores deixando entre elles uma impressão de dolorosa e sentida magua.

Talento multiplo, servido por uma variada illustração, o dr. Domingos Olympio foi um trabalhador como poucos e deixa varias obras apreciadas, que perpetuarão a sua memoria.

O seu enterro, hontem, no cemiterio de S. João Baptista, foi uma homenagem piedosa de alto valor significativo. A concorrência não podia ser maior, como melhor não podia ser a escolhida affluencia de pessoas da nossa sociedade que foi levar ao illustre morto o seu ultimo adeus.

A' sua distincta familia apresenta a *Noticia* as suas sinceras condolencias.»

(*Da Noticia*, de 8).

«Victimado por um embolia cerebral, falleceu, sabbado de tarde, no Rio, o dr. Domingos Olympio. Era uma poderosa cerebração e desde moço se impoz á admiração dos seus compatricios pelos brilhantes trabalhos que deu á publicidade. No jornalismo; no romance, no conto, na chronica politica do paiz, fulgurou sempre como um eleito; e ainda, ultimamente, aos *Annaes*, a bella revista litteraria de que era director, consagra toda a sua actividade, mais parecida de um moço do que de um homem maior de 56 annos.

Foi um operoso trabalhador, cuja obra, edificada com um carinho que lhe era proprio, ha de impôr o seu nome á gratidão da patria e ao respeito dos brasileiros.»

(Da *Tribuna de Petropolis*, de 9.)

* *

«Com a morte do dr. Domingos Olympio desaparece uma das mais vigorosas mentalidades brasileiras, um dos nossos melhores talentos, de uma maleabilidade enorme, de uma variedade grande de conhecimentos.

Ninguem se lhe avantajou no jornalismo e poucos o attingiram no seu merito como advogado, publicista, romancista e, finalmente, como homem de letras.

Conhecemos-o quando occupava o logar de deputado no Pará e desde ali aprendemos a admirar-o na imprensa, na tribuna e no livro. O Ceará estremecia-o como sabe estremecer os seus filhos notaveis e o paiz tinha-o entre os que mais pôdem hourar a intellectualidade patricia. Era um homem de real e enorme merecimento.

Não temos de prompto os dados biographicos do illustre extincto, mas para julgar da sua obra basta citar a sua collaboração na missão Rio Branco, em Washington, quando se decidiu em 1894, pelo laudo do presidente Cleveland, o secular litigio das Missões; o romance *Luzia-Homem*, de um colorido extraordinario, descrevendo um episodio da secca do Ceará, as formosas chronicas que, sob o pseudonymo de *Pojucan*, publicou no *Paiz*, nos annos de 1896 e 1897, e essa revista os *Annaes*, que ultimamente, sob a sua direcção, se

publicava no Rio de Janeiro, e onde, a pouco e pouco, ia reconstituindo a historia dos primeiros annos de nossa vida de povo livre.

O Brazil perde um dos seus filhos mais uotaveis.»

(Do *Diario Popular*, de 8, S. Paulo.)

* *

«Deu-se ante-hontem, no Rio, o fallecimento do sr. dr. Domingos Olympio, um dos mais distinctos escriptores modernos.

Além de collaborador em diversos jornaes, é o auctor de varios romances, sobresaindo *Luzia-Homem*, que teve enorme successo.

O dr. Domingos Olympio Braga Cavalcanti, nasceu em 1850, na cidade de Sobral, Ceará.

Formou-se em Direito, no Recife, em 1873. Depois de ter sido promotor em diversas comarcas do seu Estado, seguiu para o Pará, de onde veio para o sul em 1891, fixando residencia no Rio de Janeiro, onde, no fôro e na imprensa, conquistou um nome respeitado.

Fez parte da missão brasileira em Washington e lá trabalhou com o sr. barão do Rio Branco no arbitramento da questão das Missões.

Além de *Luzia-Homem*, o dr. Domingos Olympio é auctor dos romances *O Almirante*, ultimamente publicado nos *Annaes*, *Uirapurú*, que está sendo publicado, e dois inéditos, *O Negro*, onde descreve a vida carióca, e outro de costumes pernambucanos, e um outro trabalho, *Historia da Missão de Washington*, quasi concluida.

O dr. Domingos Olympio succumbiu a um insulto apopleptico, contando 56 annos de idade.»

(Da *Noticia*, de 8, de S. Paulo.)

* *

O nosso secretario recebeu as seguintes cartas:

RIO, 7 DE OUTUBRO.

«Meu caro Walfrido. — A noticia da morte do nosso Domingos Olympio, lida hoje no *Jornal*, foi para mim um grande golpe.

Elle era nesta cidade o unico companheiro dos meus começos litterarios e jornalisticos no Pará, onde trabalhámos juntos na imprensa, ha mais de vinte annos.

Quantas vezes não lhe ralhei, eu mais moço, pelo pouco caso que elle fazia de seu talento litterario, que não era vulgar, e pelo modo alegre e descuidado com que elle desperdigava a sua imaginação, a sua fantasia, os seus dotes de escriptor na obra ephemera e obscura de jornalista de provincia.

Havia, pois, entre nós esta velha camaradagem que teu ás vezes, e esta o tinha, o encanto de uma verdadeira amizade.

Lastimo de coração a sua morte subitanea e o abraço, a você, seu incomparavel amigo, com todo o meu sentimento. — José Verissimo.»

*

RIO, 7 DE OUTUBRO DE 1906.

Meu caro Walfrido. — Saudações cordiaes. — Trouxeram-me hoje os jornaes da manhã a dolorosa noticia do fallecimento do Domingos Olympio. A você não preciso dizer quanto foi sincera a minha magua, mas quizera que me fizesse o favor de transmittir á familia do morto illustre a expressão de meus sentimentos, que são tambem os da Amelia. — Clovis Bevilacqua.

*

RIO, 9 DE OUTUBRO DE 1906.

Meu Walfrido: — Que te poderei dizer sobre a inesperada morte do nosso dr. Domingos Olympio? E' a ti, ao mais fiel e ao mais extremado dos seus amigos, um carinhoso filho quasi, que eu sinceramente abraço.

Elle foi inteiramente um grande artista e, mais que isso, um artista que nunca prostituiu a sua arte e a sua profissão. Nos tempos de hoje, aos novos e aos principiantes de boa vontade como eu, a luminosa impressão que sobre nós deixam os homens como elle, é extraordinaria e inapagavel.

Nunca mais esquecerei aquella figura de luctador, serena e forte, aquella physionomia euergica e doce, aquelles olhos verdes e mansos que eu admirava no auctor da *Luzia-Homem*.

São todas essas coisas vagas e tumultuosas que me vão n'alma, que eu quiz assignalar nesta carta de amizade. Não chegam nem a ser um timido consolo sinão uma idéa fraca e inexpressiva de toda a minha magua. — Teu Adoasto de Godoy.

RIO, 8 DE OUTUBRO DE 1906.

«*Meu caro Walfrido.* — Póde imaginar a dolorosa surpresa que tive ante-hontem, já tarde, quando tive um instante de lazer para correr os olhos pelas folhas do dia! Só os meus poderiam dar testemunho do espanto e da magna profunda com que tive de saber que aquella hora já não existia aquelle bello espirito e grande coração que na vespera eu acabava de estreitar, num encontro fortuito, que nunca poderíamos imaginar fôsse a eterna despedida.

Escrevo-lhe estas palavras para associar-me á sua desolação. — Do admirador e amigo *Rocha Pombo.*»

Desde o momento em que caí de cama o nosso Director até á hora do enterro, e até hontem, estiveram na sua residencia: os srs. drs. Eduardo Chapot Prévost, Alberto Rodrigues, Antonio Dionysio, Joaquim Cruz, medicos assistentes, Belisario Tavora, Eurico Cruz, Milton Cruz, Christino Cruz e familia, Arthur Vianna, Candido de Hollanda e familia, Benjamiu Barroso e familia, Helvecio Monte, Lima e Castro e familia, Carneiro da Cunha, Henrique Samico e familia, Figueiredo de Vasconcellos, Dias de Barros, Cupertino Durão e familia, Enéas Galvão, Queima do Monte, Antão de Vasconcellos e familia, Francisco Maciel, Victorio da Costa, Godofredo Cunha, Paula Pessôa, Frederico Fróes e familia, Ulysses Vianna, A. C. Moreira Guimarães, Thomaz Cockraue, Amaro Cavalcanti, Carolino Corrêa, Francisco de Paula Valladares, Lima Drummond e familia, Vergue de Abreu e familia, Frederico Schimidt de Vasconcellos e familia, M. Carvalho Leite, Baeta Neves, J. Cerqueira de Souza, Mario Valladares, Frota Pessôa, Edgard Bastos, Joaquim Lisbôa e familia, senador Manoel Duarte, deputado João Cordeiro, generaes Dionysio Cerqueira e familia, Ribeiro Guimarães, Leonardo Lessa, Costallat, marechal Teixeira Junior, Antonio Paes e familia, Alberto Paes, Eduardo Salamonde, Andrade Façeiro, Leopoldo Campello, João O'Dwyer e familia, Manoel Milton, Alberto Saraiva da Fonseca, Augusto

Gallo, J. Gonzaga, barão de Alencar, Walfrido Ribeiro, barão de Vasconcellos e familia, capitães Esperidião Rosas e Rodrigues Junior e familias, senador Silverio Nery, deputado A. Nogueira, major Jonathas Barreto, tenente-coronel José Faustino, Ovidio Cavalcanti, Orvil Ferreira, Carlos Moreira Guimarães, Ferreira da Silva e A. Aguiar, pelo *Jornal do Brazil* e pelo seu redactor-chefe, Luiz Nogueira, Arthur Nogueira, Victor Vianna, pel' *O Pais*, dr. Araujo Viana e familia, Thomaz Mendes, coronel Virgilio Rodrigues, Ildefonso Campello e familia, Ernesto Campello, Eduardo Guedes, dr. Floresta de Miranda, Luiz Durão, Nestor Victor, coronel M. C. Ximenes de Aragão, Acacio Pinto, Genserico Pinto, M. C. de Aragão, J. J. Magalhães e familia, Jacques Lins, A. Alcibiades Mendes, Raul dos Santos Carvalho, capitão-tenente Wanderliuo Mendes, Pacifico Augusto de Souza, Carvalho Lima, desembargador Domingos Alves Ribeiro, dr. Alfredo Pinheiro, Mario Barbosa, Dionysio Cerqueira Sobrinho, Carlos Pereira Junior, em nome do conde de Leopoldina, dr. Calmon Vianna, Manoel Antonio da Motta, José de França Terra Nova e familia, tenente José Fonseca Galvão, Antonio Ferreira da Cruz, tenente João Cruz, Cincinato Braga, tenente Djalma de Oliveira, Thomaz de Porciuncula, Leonidas Porto, Lourenço Alves, commendador Rosario, dr. Paulo Alves, Guimaraens Passos, Henrique Hollanda, Placido Junior, pela *Tribuna*, Emmanuel Torres, Alfredo Victor Ferreira Lopes, capitão de mar e guerra Frederico de Oliveira, Severiuo, Mendes & C., Soares & Maia, Coelho & C., dr. Godofredo Maciel, padre Antonio de Lyra, Ozorio Bastos de Oliveira, Raymundo Fróes, Domingos Ribeiro Filho, monsenhor Angelim, major José Florencio de Carvalho, Castro Maya e familia, e as exmas. familias: esculptora Nicolina de Assis, Bandeira de Mello, Costa Ferreira, França Ferreira, Hamilton de Souza, Noemia Pinto Braga, Christovam Fernandes, Leonidia Braga, França Bastos, dr. Braga Torres, Castro e Silva, Araujo Lima, Fontoura Xavier, Fialho, Bustamante, Elizeu Montarroyos, Christina

Cerqueira, Araujo Pereira, Alberto Rodrigues, viuva Julietta Chapot, Ernestina Hooff, Cecilia Bastos, Ida Castro, Alice Vasconcellos, Laçilina Vasconcellos, Delmira Caminho, Josephina Carvalho, Elisena Baptista Franco, viuva Franco de Sá, viuva Franco de Sá Sampaio, viuva Godoy, Delmira Werneck, Maria Castilho, tenente Fabio Fabricio, Amália e Eurydice Pinto, Maria Pillar de Almeida, viuva Augusto Castilho, Caminha da Silva.

DERAM PEZAMES: *por cartões*, os srs. drs. J. M. Leitão da Cunha, Nascimento Guedes, Pinheiro Vasconcellos e familia, Henrique Morize e familia, Luiz Cruls, prof. Otto de Alencar Silva, Armando Dias, Moura Brazil, Alcides Medrado, Moreira da Silva, Heraclyto Graça, Paulo de Frontin e senhora, Luiz Bahia, almirante Guillobel, barão de Campolide, coronel Ozorio de Paiva, capitão de mar e guerra Candido dos Santos Lara, conselheiro Alves de Araujo, deputados Figueiredo Rocha, Alberto Maranhão, senador Rosa e Silva, Oscar Dardeau, do *Seculo*, Erico Guimarães, Jorge Kastrup, Costa Macedo, Eugenio de Abreu e senhora, general Quintino Bocayuva, Antonio Ferreira Cavalcanti e familia, coronel Leite Ribeiro, capitão Onofre Ribeiro, Olegario de Barros, Ananias de Albuquerque e familia, Xavier Pinheiro, Christovam Santos, coronel José Maximo de Magalhães, Virgilio Rodrigues, Samuel Durão, Pereira Fagundes, Alberto Reeve, Jacques Lins, Alfredo Watson, Souza Lage, do *Pais*, Joaquim Saldanha Marinho Samico, Godofredo Autran e familia, J. Chapot Prévost e familia, Americo Lopes, M. Gerson Tavares, J. de Castro Nunes e familia, José Soares Pereira Junior, tenente Egydio de Castro e Silva, Eugenio Marinho de Saboya, Adriano Fortes de Bustamante, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, Augusto José Ferreira e familia, Alfredo Pinto de Vasconcellos, dr. Torres Tibagy, Manoel Carlos P. Pinto de Almeida; as exmas. sras. d.d. Maria Georgina Leitão da Cunha, Helena Reeve, viuva do almirante Custodio de Mello, Helena Sorio Souza

Lage, Helena de Albuquerque, Margarida Lasala Watson, Leonor de Mattos Oreste, Anna Luiza Bandeira de Mello, Maria Lemos Bastos, Amelia de Mesquita, Alzira Retumba, Odaléa Chermont Monteiro, Olympia Ottoni Antunes, Lina Lemos Bastos, Izabel Leitão Rodrigues Pereira, Gabriella Tibagy, Maximo de Magalhães, Maria Pinto de Almeida.

O sr. Rio Branco escreveu á viuva o seguinte cartão: *A d. Anna Augusta Torres Cavalcanti Rio Branco envia condolencias, com muitas lembranças dos tempos melhores de Washington. — 7 de outubro de 1906.*

Por telegrammas: os srs. Leal de Souza, Marques da Silva, Erico Guimarães, Emilio Kemp, Domicio da Gama, Samuel Durão, Figueira de Mello, Manoel da Rocha, da *Noticia*, Souza Lage, do *Paiz*, Reis Carvalho, Antonio Salles, Coelho & C., Pedro Barbosa, Gabriel Cruz, José Land, general Costallat, tenentes Hermes e Affonso, os drs. Augusto Santa Rosa, José Verissimo, Virgilio Brigido, Antonio Torres, Arthur Maggioli, Olyntho Magalhães, Vergne de Abreu, Justiniano de Serpa, Susviela Guasch, J. J. Seabra, Nilo Peanha, Figueiredo Rodrigues, Octavio Rodrigues, Samuel de Oliveira, Alexandre Cerqueira, José Duarte, e as exmas. sras. dd. Rosa Braga, Thereza Torres e filhas, sra. Susviela Guasch e sra. Olyntho de Magalhães.

* *

O sr. Barbosa Lima pronunciou na Camara o seguinte discurso, cuja inserção valha ao eminente orador como um signal do nosso profundo reconhecimento:

O SR. BARBOSA LIMA (*). — Sr. presidente, não me foi dado chegar a tempo para fazer uma declaração que por ocasião da discussão da acta, parece-me teria mais cabimento.

Fica em todo caso esta declaração consignada na hora presente, uma vez que o Regimento não se oppõe a que o faça por esta fórma.

Não me foi possível comparecer á sessão de hontem, por motivo de ordem superior.

E' evidente que, si aqui estivesse

(*) Este discurso não foi revisto pelo orador.

na ocasião da votação do projecto da Caixa de Emissão, eu teria mantido meu voto contra esse projecto e contra todas as emendas, já se vê, resalvadas aquellas que eu mesmo apresentei.

O que me traz na hora do expediente á tribuna é a apresentação de um projecto de lei, no qual me esforço levar a Camara a praticar um acto de justiça e de coherencia.

Quando se conheceu nesta cidade o resultado dos esforços benemeritos da missão brasileira incumbida de defender os direitos do Brazil no litigio que este tinha então com a Republica Franceza, o enthusiasmo com que foi acolhido o triumpho, em grande parte devido aos esforços do eminente brasileiro sr. barão do Rio Branco, concretizou-se, por iniciativa desta Casa do Congresso, em um projecto, hoje lei, mandando considerar como fazendo parte do Corpo Diplomatico para contar antiguidade do dia em que fôsem effectivamente providos em alguns dos cargos diplomaticos, todos os membros da missão de que foi chefe aquelle distincto brasileiro, quer da embaixada junto ao governo da Suissa, quer da missão junto ao governo de Washington.

Varios dos auxiliares dessa missão fôram já contemplados nos termos daquella lei, nomeados secretarios de legação e encarregados de negocios: entre outros, recordo-me dos srs. Raul Rio Branco e Domicio da Gama.

Ao Governo, parece-me que não se offereceu ensejo de, nos termos dessa lei, collocar os demais auxiliares daquella missão, a todos os quaes o Congresso Nacional, em votação expressa, considerou benemeritos e dignos de semelhante galardão.

Ha poucos dias fomos surpreendidos com a dolorosissima notícia de que havia succumbido na plenitude de sua admiravel intellectualidade, o querido patricio, jurista de valor, litterato festejado, jornalista de subidos quilates, dr. Domingos Olympio Braga Cavalcanti.

Este merito compatriota foi na missão de Washington um dos mais operosos auxiliares, e um dos que mais de perto contribuiu para o feliz exito daquella embaixada. Está implicitamente comprehendido nos termos da lei, a que me refiro, sancionada em 31 de dezembro de 1900.

Não havendo o Governo da Republica dado collocação effectiva no corpo diplomatico a este distinctis-

simo patricio, naturalmente por falta de oportunidade e de ensejo, que só se poderia dar á medida que se fôsem abrindo as vagas no mesmo corpo diplomatico, parece-me que interpreto o pensamento do legislador, que votou aquella lei de excepção, procurando estender á familia do operoso conterraneo, que o Congresso Nacional julgou digno de tão excepcional galardão, os effects daquella lei.

Não é, pois, sr. presidente, um projecto de lei destinado, sem mais nem menos, a augmentar as nossas despesas com o fundo de pensões. E', a meu ver, salvo melhor juizo, um desdobramento logico, equitativo, razoavel, da lei de 31 de dezembro de 1900, que comprehendeu no seu espirito e na sua lettra a pessoa do querido extincto.

Precedi o meu projecto de uns tres considerandos, que comprehendiam de modo bastante claro os motivos que me conduziram a convidar a Camara dos Deputados a se pronunciar sobre o caso.

Assim, eu convido a Commissão de Diplomacia e Tratados e a de Orçamento, a estudarem a questão á luz do decreto de 31 de dezembro de 1901, de accordo com o pensamento do legislador que dictou este estatuto, esperando que, por esta ocasião, as nossas Comissões Permanentes e o Congresso Nacional se mostrarão possuidos do mesmo sentimento de justa gratidão e de elevado reconhecimento para com os serviços que ao lado do eminente patricio, barão do Rio Branco, prestou o pranteado e distinctissimo patricio dr. Domingos Olympio de Braga Cavalcanti. Mando o meu projecto á Meza. (*Muito bem; muito bem.*)

(Do Diario do Congresso, de hontem.)

* *

TROUXERAM-NOS PEZAMES PESSOALMENTE: os srs. J. Pereira Barreto e Mario de Guaraná, «em nome dos sergipanos agradecidos»; Paulo de Xerez, Mario de Lima Barbosa, Benevenuto Pereira, J. Veiga, da *Tribuna*, Gama Junior, do *Rebate*, J. Vigier, do *Brazil Moderno*, Elysio de Carvalho, J. d'Abreu Albano, dr. Pedro de Aguiar, coronel Carlos de Aguiar, Honorio Grillo, Viriato Corrêa e Raphael Pinheiro, da *Gazeta*, major José Florencio e familia, dr. Francisco Maciel, Heitor Lima, Leopoldo Brigido e Francisco Gurgulino, a quem especialmente agradecemos os offerecimentos que nos fez para tocar ao *orgão* por ocasião das exequias. Era o que elle, «cégo-musico, podia dar em honra do seu glorioso patricio.»



